Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

https://www.searaagape.com.br/osermaodomonte1_mt5_13-48.html
https://www.searaagape.com.br/osermaodomonte2_mt6_1-34.html
https://www.searaagape.com.br/osermaodomonte3_mt7_1-29.html

TEMAS BÍBLICOS PARA ESTUDO – O SERMÃO DO MONTE

Autora: Pastora Tânia Cristina Giachetti – Julho 2023

INTRODUÇÃO

O Sermão do Monte (Sermão da Montanha) foi pregado com a intenção de mostrar o tipo de vida que os verdadeiros filhos do Reino devem viver. O tema central do sermão é o reino dos céus. O sermão traça um paralelo entre a lei do AT (e as tradições rabínicas criadas em cima dela) com a nova aliança trazida por Jesus, para fazer Seus discípulos entenderem a simplicidade e a responsabilidade dos novos parâmetros de Deus exigidos agora deles.

No início, o sermão fala das bênçãos de Deus (as bem-aventuranças) para aqueles que se vêem desprezados aos olhos dos homens, mas são recebidos e exaltados no Reino dos céus, dessa forma dando valor à importância da humildade, da misericórdia e da retidão. Depois, Jesus ensina sobre a importância de ser sal e luz no mundo, enfatizando a necessidade de ser uma influência positiva e um exemplo para os outros. Jesus conclui o capítulo 5 conclamando Seus seguidores a serem perfeitos, assim como Seu Pai celestial é perfeito. E depois segue tocando em pontos específicos da lei judaica: homicídio, adultério, juramentos, vingança, amor ao próximo, justiça, oração, esmolas, jejum, juízo precipitado, a escolha entre a vida terrena e a do céu, bem como a escolha de quem seria o verdadeiro senhor deles (Deus ou as riquezas materiais), encorajando-os a confiar na provisão de Deus e a não se preocupar com suas necessidades físicas. Jesus prossegue confirmando a necessidade e o valor da oração correta a Deus buscando a força no Espírito Santo para seguir o caminho estreito do discipulado. Também alerta contra os falsos profetas que tentariam frustrar Sua sã doutrina que está sendo pregada e termina mostrando os benefícios de construírem suas vidas sobre a doutrina de Cristo e os riscos de a edificarem sobre as falsas doutrinas.

Mateus (Mt 4: 23–25) menciona que grandes multidões seguiam Jesus, vindo tanto de Israel (Galiléia, Jerusalém, Judéia) como das nações vizinhas (Decápolis e dalém do Jordão) para ouvi-lO e serem curadas, pois todos queriam conhecê-lO. Suas palavras tocavam as massas, mas aqui (Mt 5: 1 em diante) Ele viu a necessidade de ensinar Seus discípulos de perto, não apenas os doze apóstolos, mas todos os que acreditando nEle se tornavam Seus discípulos. E era a esses que Jesus chamava de lado para instruir. Por isso, subiu ao monte e se assentou para ensinar. Provavelmente, era uma colina bem alta no litoral norte do mar da Galiléia, que deve ter servido como um anfiteatro natural. E era

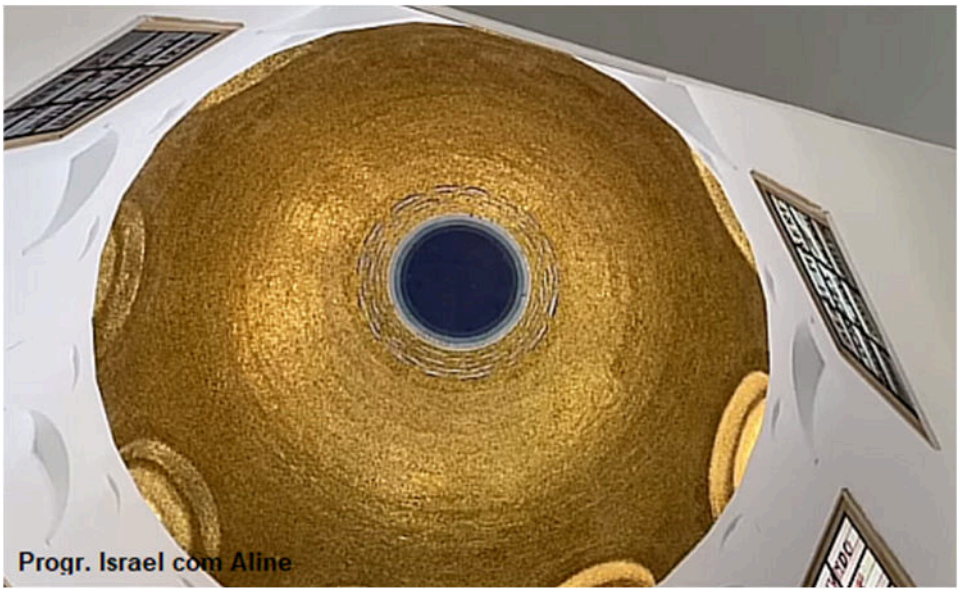
normal que um mestre ficasse sentado enquanto ensinava, tendo seus alunos ao redor. Seu ensino era algo revolucionário que revogava os ensinos da tradição rabínica e mostrava ao mesmo tempo a simplicidade de Deus e a responsabilidade que Ele deixava aos Seus discípulos. As pessoas reconheceram que Jesus era diferente dos escribas porque Ele falava com autoridade. Ele sabia o que estava dizendo. Suas palavras tinham vida.

Ninguém sabe exatamente onde Jesus fez essa pregação, mas uma igreja católica romana foi construída entre 1937 e 1938 pelo arquiteto italiano Antonio Barluzzi, um pouco acima do local das ruínas de uma antiga igreja bizantina e num ponto alto perto do mar da Galiléia, e é chamada 'Igreja das Bem-aventuranças'. Ela tem paredes de mármore, um formato octogonal (oito lados) e vitrais na parte mais alta das paredes, onde estão desenhadas as oito bem-aventuranças proferidas por Jesus (Mt 5: 3-12; os versículos 10, 11, 12 são unidos). Vista por dentro a cúpula abobadada é alta, de cor azul e circundada por um mosaico dourado, representando o reino dos céus.

Evidências – Rodrigo Silva

Progr. Israel com Aline

Progr. Israel com Aline



Nas imagens acima você pode ver o Mar da Galiléia, visto de cima do monte das bem-aventuranças (1); a 'Igreja das Bem-Aventuranças' (2 e 3 – vista externa); a vista interna da igreja com os vitrais e a cúpula no alto (4 e 5).

MATEUS 5

As bem-aventuranças

• Mt 5: 1-12: "Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes *[pobres, em outras versões]* de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".

Mateus usou a palavra grega 'makarioi' (μακάριοι, Strong #g3107), que quer dizer: bem-aventurados, felizardos, felizes, abençoados.

Esse discurso, provavelmente, escandalizava os judeus, em especial os religiosos e os ricos, pois segundo a visão judaica da época, as pessoas abençoadas por Deus eram sempre sadias, sem enfermidades, tinham dinheiro e bens materiais, eram honradas pelos conhecidos e elogiadas pelos homens. Como uma multidão pobre, sem posses, doente e perseguida, sofrida, chorando e sem poder de se defender dos ataques e afrontas poderiam se sentir abençoada? Mas para o povo que ali estava, essas eram palavras de muito consolo, pois significava que eles também eram amados e abençoados por Deus. Ele os olhava com outros olhos e o que eles não conseguiam ter materialmente falando, eles

tinham espiritualmente, e ainda teriam muito mais ao crer em Jesus e praticar Seus ensinamentos. Eles não estavam sós. Essas pessoas tinham um defensor: Deus.

• Mt 5: 3: "Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus".

Ser humilde ou pobre de espírito é estar cônscio da carência de Deus e da dependência dEle. Os que se esvaziam de si mesmos, do orgulho de suas realizações e do egoísmo de seus desejos podem sentir o Espírito Santo enchendo esse vazio. Os humildes recebem o reino dos céus como prêmio; e o reino dos céus é hoje, quando tudo é possível. É uma experiência, não um lugar. O reino de Deus refere-se ao governo de Deus. Portanto, humildade é saber que dependemos de Deus em todas as situações, não importando a posição que ocupamos dentro da Igreja ou da sociedade. É ser como criança e estar ciente da necessidade de crescer e aprender sempre com Ele; saber que só Ele é capaz de nos suprir. Não deve ser confundida com servidão, escravidão, ignorância, miséria ou qualquer outra situação maligna que possa atingir a vida financeira; insegurança, indecisão ou falta de autoridade. Não depende de classe social, mas do crescimento espiritual verdadeiro que decorre do conhecimento do caráter divino, adquirido no contato constante com o Espírito Santo. Usando todo o poder divino que tinha, Jesus era humilde porque sabia que, como homem, o que fazia e ensinava vinha do Pai e dependia dEle para tudo. Ele mesmo dizia: "O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou" (Jo 7: 16).

Em grego, a palavra usada para 'humilde' ou 'pobre' [de espírito] é ptóchos (πτωχός – Strong #G4434) que significa: pobre, mendigo, desamparado, espiritualmente pobre, seja no bom sentido (pessoas humildes e devotas) ou no mau sentido. Deriva de 'ptosso' (agachar); semelhante a 'ptoeo': como medroso, ou seja, um mendigo, indigente, pedinte, necessitado (estritamente denotando mendicância absoluta ou relativa, em algumas circunstâncias difíceis, em particular); literalmente ou figurativamente: angustiado.

• Mt 5: 4: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados".

São felizes os que choram, porque recebem de Deus o consolo. E o choro que o Senhor fala aqui é o choro de arrependimento que produz vontade de mudar de vida, o choro de quem estava sofrendo pelo trabalhar de Deus permitindo certas situações indesejáveis por causa do seu pecado, mas que era uma cura divina. É chorar para que a justiça divina se estabeleça na terra, libertando, curando, trazendo novamente a alegria da comunhão com Ele. Bem-aventurados os que choram pelo seu afastamento dEle, porque Ele ouve o seu choro e os consola, restabelecendo novamente seu relacionamento e sua intimidade com o Pai. Bem-aventurados os que choram e ficam tristes com as coisas que entristecem a Deus [pecado e tudo o que ele trouxe: a miséria do mundo, a rebeldia, desobediência e a morte (Jo 11: 35)]. Não podemos nem devemos rir ou desculpar aquilo que faz Deus chorar e nos levam a ficar entorpecidos. Quando temos comunhão com Deus nós sentimos as emoções do Seu coração; por isso, podemos também experimentar Seu consolo, que nos encoraja e fortalece.

• Mt 5: 5: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra".

Mansidão significa: serenidade, tranqüilidade, calma pela certeza da vitória, se deixar moldar por Deus, ter segurança de que tudo tem solução. Ser manso é ser submisso à vontade de Deus, às Suas leis e ao plano divino. Possuindo a Deus, os mansos herdarão a terra, o mar, o ar e tudo o que neles se contém, pois tudo é Seu. A submissão à Sua vontade nos traz poder e domínio sobre a criação. Não deve ser confundido com comodismo, preguiça ou passividade, que abre mão da autoridade que Deus já nos delegou. Moisés

era um guerreiro, entretanto, a bíblia fala que ele era o homem mais manso da terra, porque se deixou ser conduzido por Deus, apesar de ser líder, e nunca abriu mão da autoridade que Ele lhe conferiu para conduzir Seu povo. Muitas vezes, tomou atitudes drásticas, fortes e agressivas para manter a ordem entre os israelitas e cumprir até o fim sua missão. Não foi impotente nem passivo diante das rebeliões do povo, mas se deixou moldar por Deus em todas essas situações, exercendo com sabedoria e paciência sua posição de liderança.

No AT, podemos ver as palavras 'manso' e 'mansidão' escritas nos seguintes versículos:

• Era o varão Moisés mui manso (צנוע = humilde), mais do que todos os homens que havia sobre a terra (Nm 12: 3).

Compare `aniy (עני, Strong #6041: pobre, aflito, humilde – Dt 24: 12; Sf 3: 12). Raiz primitiva: `anah (Strong #6031): (idéia de olhar para baixo ou intimidação); estar curvado, ser afligido, ser humilhado ou tornar-se baixo; ser deprimido, abatido; humilhar, enfraquecer; ser afligido na disciplina de Deus; deprimir literal ou figurativamente, transitivo ou intransitivo (em várias aplicações, como segue): sem base própria, afligir-se ou aflição, castigar-se, punir-se, lidar mal com; contaminar, exercitar, forçar, gentileza, humilhar-se, ferir, assolar, violentar, submeter-se, enfraquecer, ter ou mostrar sabedoria, experiência, conhecimento e bom senso.

• "Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do Senhor" (Sf 2: 3).

Mansidão: `anavah (Strong #6038 – ענוה): condescendência, humana e subjetiva (modéstia), ou divina e objetiva (clemência): gentileza, a humildade, a mansidão.

• "Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz" (Sl 37: 11).

Em hebraico, a palavra usada é `anav (aw-nawv'), ligada à palavra `anah, com o mesmo sentido descrito acima, e traduzida na NVI como 'os humildes' (צנועה).

• "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" (Mt 5: 5).

Em grego (Mt 5: 5), a palavra usada é 'praus' ou 'praos' (πραΰς = humilde, manso – Strong #g4239). Em Gl 5: 23, a palavra 'mansidão', em grego, é 'praotés' (πρᾳότης) – Strong #g4236, que significa: 'suavidade, brandura, mansidão, bondade', de 'praios', gentileza; por implicação, humildade.

• Mt 5: 6: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos".

Significa não aceitar as injustiças do mundo, mas ansiar pelo amor e pela vontade divina sendo cumprida em todos os homens. Os que sentem essa sede e essa fome serão fartos. Não há necessidade que Jesus não possa suprir. Ver a justiça de Deus agindo é ver as pessoas aceitando a Sua verdade em seus corações e recebendo a salvação e a vida eterna. Ter fome de justiça é aplicar o padrão justo de Deus à nossa vida, ter fome daquilo que agrada a Deus. Colocando a nossa vontade sob o domínio do Espirito Santo, nós ficaremos satisfeitos, saciados com o contentamento divino. O nosso descontentamento humano dará lugar à satisfação em Deus.

• Mt 5: 7: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia".

Misericórdia significa: indulgência, graça, compaixão suscitada pela miséria alheia. É pagar o mal recebido com o bem. É ser igual a Jesus. Mas receber misericórdia vem depois de exercê-la. A misericórdia é como uma semente que precisa ser plantada primeiro para ser colhida depois.

• Mt 5: 8: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus".

Ser limpo de coração é manter a pureza e renegar a impureza, é ver Deus com o coração, é manter dentro de si a clareza e a sinceridade de intenções, é ser transparente: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14: 9b). Quem vê com os olhos de Jesus, vê o Pai. Os limpos de coração não guardam mágoa nem rancor, mas olham para a misericórdia e para a justiça divinas e confiam inteiramente em Seu julgamento. Os limpos de coração fogem do pecado e mantêm dentro de si a integridade do projeto de Deus para suas vidas, não se envolvendo com nada que os possa desviar dele. Mantêm sempre firme dentro de si a palavra pura que vem do alto.

• Mt 5: 9: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus".

Para haver paz na nossa alma é necessário extirpar a outra natureza em nós (a natureza do diabo em nossa carne) e cultivar Jesus no nosso coração. Fazer a paz é ficar do lado de Deus, estar em harmonia com Ele. Os pacificadores são chamados filhos de Deus, pois se assemelham a Ele. Para levarmos a paz a alguém, é preciso conquistar, antes de tudo, a paz dentro do nosso próprio ser, isto é, estar harmonizados com o projeto divino para nós. É não haver mais brigas entre a nossa carne, o nosso espírito e o Espírito Santo. De certa forma, é algo que decorre da mansidão, do fato de nos entregarmos inteiramente ao moldar do Senhor em nós. Um pacificador é um mediador, que resolve conflitos entre indivíduos ou grupos, estranhos entre si. A paz começa com a identificação da verdade, abordando o pecado e removendo o conflito entre as partes. Deus enviou Seu Filho para ser nosso mediador, preenchendo a lacuna criada por nosso pecado e nos concedendo paz com Ele. É o que Ele pede de nós. Paulo traduziu isso como 'o ministério da reconciliação'.

• Mt 5: 10-12: "Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".

Ser perseguido por causa da justiça é lutar pelo que é do Senhor, é 'pagar o preço' pelo Seu reino e ter direito total sobre ele. Em Jo 17: 14-17 Jesus diz: "Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu também não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Assim, ser de Jesus nos traz, infalivelmente, a perseguição mundana, pois o príncipe do mundo (o diabo) não se conforma por ter nos perdido para o Filho de Deus. Entretanto, quando somos perseguidos por estarmos lutando pela verdade, temos a garantia da proteção de Deus e do Seu livramento. "Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis meus profetas", diz o Senhor (Sl 105: 15). Também está escrito: "O anjo do Senhor se acampa ao redor dos que o temem e os livra" (Sl 34: 7). Um consolo é saber que, se somos perseguidos, é porque o nosso nome está na lista celestial dos filhos de Deus; temos o selo de Jesus na nossa fronte.

Os discípulos, o sal da terra

• Mt 5: 13: "Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens".

O sal tempera, dá sabor, conserva a comida e dá sede. Antigamente, sem a refrigeração que temos hoje, as pessoas usavam sal para conservar os alimentos. Salgar

um pedaço de carne, por exemplo, retardava seu processo de decomposição.

Quimicamente falando, o sal não pode perder sua salinidade, pois o cloreto de sódio é um composto estável. Mas grande parte do sal nos países orientais da Antiguidade derivava de pântanos salgados e não da evaporação da água salgada e, portanto, continha muitas impurezas, pois era misturado com terra e substâncias vegetais e, dessa forma, ele se tornava insalubre. Esse tipo de sal não servia para nada, exceto para cobrir as estradas, como usamos cascalho hoje em dia, e os transeuntes pisavam sobre ele [segundo Albert Barnes, um teólogo americano presbiteriano (1798–1870)]. Entretanto, Jesus pode ter usado essa ilustração para mostrar o que é um crente inútil.

Assim, Seus seguidores acrescentam sabor à raça humana, servem como preservadores da Sua palavra e fazem as pessoas ansiarem pela justiça de Deus, descrita nos versículos anteriores nas bem-aventuranças. Vivendo as qualidades listadas nelas e em todo o Sermão do Monte (Mateus cap. 5, 6 e 7), os discípulos mostrariam essa realidade espiritual e os homens creriam em Jesus e seguiriam Seus passos também. Caso contrário, os homens pisariam o testemunho deles sob seus pés, ou seja, o mundo tem apenas desprezo por um crente que falha na sua posição de discípulo de Cristo. Para um cristão, perder o sabor seria perder sua singularidade, pois se misturaria com os valores do mundo e não mais faria a diferença, nem nesse mundo decaído nem no reino de Deus.

Os discípulos, a luz do mundo

• Mt 5: 14-16: "Vós sois luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire (NVI: vasilha), mas no velador (NVI: ao contrário, coloca-a no lugar apropriado), e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus".

"Cidade sobre um monte" (Mt 5: 14) – Muitas vezes construídas em calcário branco, as cidades antigas brilhavam ao sol e não podiam ser facilmente escondidas. À noite, as lamparinas a óleo dos habitantes lançavam algum brilho sobre a área circundante. Como tais cidades não poderiam ser escondidas, também é impensável acender uma lâmpada e escondê-la sob uma vasilha. Uma lâmpada é colocada em um candelabro para iluminar tudo.

"Candeia" – luchnos, λύχνος, Strong #3088: uma lâmpada portátil ou outro iluminador, vela, luz.

"Velador" – luchnia, λυχνία, Strong #3087: um candeeiro, candelabro; suporte de lâmpada. Essa palavra pode se referir a um candelabro ou um lugar escavado na parede de uma casa, onde se colocava a lamparina acesa à noite para iluminar o ambiente.

Nós deixamos a luz brilhar, não tanto pelo que dizemos, mas pelo que fazemos. As 'boas obras' (Mt 5: 16) aqui se referem a obras retas e honradas diante de Deus, pois vêm dEle mesmo através do Seu Espírito em nós, e que nos levarão a praticar boas obras para com os nossos semelhantes também. Por exemplo: o uso correto dos dons que Ele derramou em nós, as Suas palavras na nossa boca e que encorajam e edificam a nós e aos outros, discernir o certo do errado e julgar corretamente as coisas e as situações que nos cercam, praticar a fé nas promessas que o Senhor nos deu e agir de acordo com essa fé; deixar o Espírito Santo fluir sem impedimento para que Ele nos use como Ele quiser e onde quiser; mostrar o caminho da salvação aos perdidos; agir diariamente como um seguidor de Jesus. Essas boas obras espalham luz e glorificam Seu nome. Quando as pessoas virem essas boas obras, em vez de dizerem 'Como essa pessoa é boa', glorificarão o Pai dessa pessoa, dizendo: 'Que grande Deus essa pessoa tem'.

Na imagem abaixo, nós podemos ver a candeia dos tempos de Jesus no seu lugar na

parede da casa, o “candeeiro” ou “Velador” [fonte: A vida nos tempos de Jesus 2 – Rodrigo Silva – programa Evidências (2013) – YouTube].

Jesus não veio revogar a Lei, mas cumprir

• Mt 5: 17-20: “Não penseis que vim para revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”.

v.17 – “A Lei ou os Profetas” ou “importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24: 44) é outra forma de se referir às Escrituras hebraicas, isto é, todo o AT. Poderíamos escrever o texto acima de Mateus (“Não penseis que vim para revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”) da seguinte maneira: “Eu vim para cumprir o que Moisés e os profetas dizem”.

Jesus deixa claro que não veio para acabar com a Lei e os Profetas, mas para mostrar o seu verdadeiro sentido, mostrar a verdadeira vontade de Deus que está por trás dos mandamentos. A lei não foi um meio de trazer a salvação à humanidade, a justificação de Deus (Atos 13: 39; Rm 3: 20a; Gl 2: 16, 21; Gl 3: 11), mas veio para dar às pessoas o conhecimento do pecado (Rm 3: 20b; Rm 5: 20; Rm 7: 7; 1 Co 15: 56; Gl 3: 19) e então conduzi-las a Deus para Sua salvação através da Sua graça, do Seu favor imerecido sobre o homem. A lei foi dada à nação de Israel, como uma amostra da raça humana. O pecado de Israel, a culpa de Israel, era o reflexo da culpa e do pecado cometido por toda a raça humana (Rm 3: 19). A lei do pecado e da morte (Rm 8: 2) que foi decretada por Deus como uma maldição sobre o homem no momento da queda (a maldição da morte) permaneceria sobre quem desobedecesse os mandamentos da lei (Gl 3: 10). A justiça e

santidade de Deus exigiam que a penalidade fosse paga. Por isso Jesus veio ao mundo: embora não tivesse pecado, Ele veio para pagar a pena através da Sua morte, substituindo os infratores culpados. Assim, Ele não deixou a lei de lado; pelo contrário, atendeu a todas às exigências dela, tanto em Sua vida como em Sua morte (Rm 8: 1-4).

Toda a Lei pode ser resumida nos Dez Mandamentos dados a Moisés. Entretanto, esses princípios são duradouros; por exemplo: é sempre errado roubar, cobiçar ou matar. O fato de Jesus ter pago o preço por nossos pecados na cruz, não significa que podemos sair por aí roubando, matando, adulterando, cobiçando as coisas dos outros. A diferença é que eles não têm mais a pena de morte de Deus anexada a eles, mas são dados e cumpridos pelos crentes de hoje com um treinamento em justiça (2 Tm 3: 16b) e por amor a um Deus que nos livrou da condenação e a quem servimos com alegria, procurando agradá-lO em tudo e nos esforçando por imitar. Nós podemos perceber que o mandamento do sábado é o único que não é mencionado no NT como uma ordenança de Jesus para os Seus discípulos. Se todos os outros mandamentos são mencionados por Jesus no sermão do monte e em outras passagens do evangelho, assim é também com o sábado de descanso e com o dízimo, ao contrário do que alguns progressistas rebeldes gostam de argumentar, que por não ser mencionado no NT não é mais necessário ser praticado. Porém, o NT (o apóstolo Paulo em especial) não deixa de falar sobre o dinheiro que é devido aos que fazem a Obra de Deus com seriedade. E um dia por semana pensando mais em Deus do que no trabalho secular para ganhar dinheiro nem precisa ser uma ordenança; é algo que nos beneficia, em todos os sentidos, não importa se sábado ou domingo.

v.18 – "Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra" [NVI: "Digo a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra"; em inglês (NIV) traduzido: "nem a menor letra, nem o menor traço de uma caneta"].

"Até que o céu e a terra passem" significa "até o final dos tempos".

"Até que tudo se cumpra" – O texto original também pode ser traduzido como: "até que se cumpra tudo o que a Lei diz". Isso significa: todas as profecias do AT [cf. Mt 11: 13: "Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João"], ou seja, todo o propósito divino profetizado nas Escrituras deve acontecer; todos os propósitos redentores de Deus para a humanidade, e cuja realização apontam para Jesus e que se consumará no Seu reino escatológico.

"Nem um i ou um til" se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido – isso mostra a infalibilidade das Escrituras. O "i" (jota ou iota, em grego; yod, em hebraico) é a menor letra do alfabeto hebraico, assim como o "til" ["O menor traço de uma caneta"] é um minúsculo sinal que há no final de outra letra hebraica. Traduzindo isso: a revelação de Deus na bíblia não tem erro nenhum, até mesmo em seus mínimos detalhes. Ela é totalmente digna de confiança.

v.19 – "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus".

A expressão "estes mandamentos" provavelmente se refere aos mandamentos das Escrituras do AT. Mas como Jesus mesmo diz que Ele cumpriu a lei, "estes mandamentos" se referem ao caminho a ser obedecido, ao ensino de Jesus, que cumpre a revelação do AT. Quem negligencia Seus mandamentos e Seus ensinos e fazem outros errarem será considerado pequeno no reino dos céus, mas quem os observar e ensinar será considerado grande no Seu reino.

v.20 – "Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus". Os escribas (mestres da lei) e fariseus se contentavam com cerimônias religiosas que lhes davam uma sensação de purificação, mas esses rituais eram apenas externos; não mudavam seus corações. Eles controlaram a lei e criaram tradições de homens sobre ela, mas perderam a santidade exigida pela lei, os princípios básicos dela: justiça, misericórdia e fé (Mt 23: 23 cf. Mt 9: 13; Os 6: 6; Mq 6: 8).

Aqueles que aceitam Jesus como Salvador (2 Co 5: 21) são vistos por Deus como justos. E é essa a única justiça, a única perfeição que Ele aceita, além da justiça prática que essa fé acarreta (Mt 7: 24-27 – 'a casa construída sobre a rocha').

Jesus completa o que foi dito aos antigos – Do homicídio

• Mt 5: 21-26: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo".

v.21 – "Ouvistes que foi dito aos antigos" – essa frase esse refere aos ensinamentos de vários rabinos, não aos de Moisés. Jesus estava questionando a interpretação que os mestres judeus tinham do Antigo Testamento.

Eles sabiam que o assassinato era proibido por Deus e que o assassino era passível de punição (julgamento) e se orgulhavam de nunca ter cometido assassinato. Aliás, antes da lei ser dada a Moisés, desde que Noé saiu da arca, Deus já havia falado sobre isso (Gn 9: 6: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem"). Depois, essa ordem divina foi incorporada à lei (Êx 20: 13; Dt 5: 17 – "Não matarás").

Então, Jesus complementa com as palavras: "Mas eu vos digo" ou "Eu, porém, vos digo", o que significa que uma pessoa não podia mais se orgulhar de nunca ter cometido um assassinato, porém, que no reino de Deus, ela não deveria sequer ter pensamentos 'assassinos', ou seja, Ele toca na raiz do assassinato, que começava com a raiva, aliás, com três formas de raiva não justificada:

v.22 – "Eu, porém, vos digo que todo aquele que [**sem motivo**] **se irar** contra seu irmão estará sujeito a julgamento" – seu irmão: também um seguidor de Cristo. Não se deve ficar irado com um irmão sem motivo, ou seja, por erros pessoais. Esse ato pode levar alguém a um julgamento. A raiva só é justificada quando a honra de Deus está em jogo ou quando alguém está sendo injustiçado.

'Irar' neste texto, em grego, é orgizó (Strong #3710 – ὀργίζω), que significa: irritar, provocar, ficar com raiva; e se origina do verbo 'orge': provocar ou enfurecer, ou seja, (passivamente) ficar exasperado; ficar com raiva (ira).

• "... e quem proferir um **insulto** a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal;..." – é pecado um insulto a um irmão. 'Insulto', em grego: ῥακά (rhaka – Strong #G4469) significa: vazio, tolo, sem valor (como um termo de **difamação** total). É a

transliteração da palavra aramaica rōq (de origem caldéia 'reyq' רֵק – Strong #H7386), que significa: vazio, vão, inútil, mais especificamente, 'cabeça vazia'. Este termo expressava desprezo pela cabeça de um homem, vendo-o como um 'estúpido' que age de forma presunçosa e impensada. Era um termo de reprovação usado pelos judeus no tempo de Jesus, como uma palavra de **desprezo e abuso**. Jesus disse que aqueles que usavam essa palavra estavam em risco de julgamento pelo Sinédrio, a mais alta corte do país, por difamação.

• "... e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo" – a terceira forma de ira injusta mencionada por Jesus era chamar o irmão de 'tolo' (móros, μωρός – Strong #G3474), que significa: estúpido, tolo (adj.), tolo ou tolice (subst..), provavelmente originado da palavra grega 'musterion': enfadonho ou estúpido (como se estivesse calado), desatento (mostrando uma falta imprudente de cuidado ou atenção), estúpido, 'cabeça dura'. Aqui, a palavra tolo significa mais do que apenas um 'burro'. Significa um tolo moral que deveria estar morto e expressa o desejo de que ele estivesse. É como se a pessoa lhe dissesse: "Deus amaldiçoe você!", o que sugere que a pessoa que diz isso está pedindo a Deus que entregue o amaldiçoado ao inferno. Então, Jesus disse que aquele que proferir tal **maldição** corre o risco do fogo do inferno. Em outras palavras, a difamação de alguém levaria o agente da difamação a uma situação ruim no dia do juízo. 'Inferno' neste texto, em grego é geenna (γέεννα – Strong #1067), originalmente o nome de um vale ou cavidade perto de Jerusalém, um lugar debaixo da terra, um lugar de punição para o mal. O nome é de origem hebraica 'Ge-Hinom' (vale do filho de Hinom) ou Gehenna, usado figurativamente como um nome para o lugar ou estado de punição eterna. Os corpos de criminosos executados eram freqüentemente jogados em um lixão em chamas fora de Jerusalém, conhecido como Vale de Hinom ou Geena. Esta era uma figura do fogo do inferno que nunca será apagado.

A **raiva** contém as sementes do assassinato, **a linguagem abusiva** contém o espírito do assassinato e **a maldição** implica o próprio desejo de matar. O progressivo agravamento dos crimes exige três graus de punição: o julgamento, o concílio (Sinédrio) e o fogo do inferno. No Dia do Juízo, Jesus lidará com os pecados de acordo com a severidade.

v.23-24: "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta".

Se uma pessoa ofende a outra (a bíblia escreve 'irmão', um seguidor de Cristo também), seja por raiva ou por qualquer outra causa, não adianta trazer uma oferta a Deus, pois isso não Lhe agrada. O ofensor deve primeiro ir e corrigir o que está errado. Só então a oferta será aceitável ao Senhor. E aqui, o Senhor já não fala mais da raiva de uma pessoa que foi provocada por outra, mas da ofensa daquela que provocou o rancor do irmão (v. 23-24) ou do adversário (v. 25-26).

v.25-26 – "Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo".

Agora, Jesus pede pressa para resolver as questões com um adversário ofendido enquanto ainda está 'com ele a caminho' para o tribunal. No mundo antigo, os devedores eram presos até que as dívidas fossem pagas. Por isso, o Senhor insiste na ação imediata: a ira maliciosa é tão maligna e o julgamento de Deus tão certo (v. 22) que devemos fazer tudo ao nosso alcance para acabar com ela (cf. Ef 4: 26-27).

Jesus completa o que foi dito aos antigos – Do adultério

• Mt 5: 27-32: "Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o diante de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério".

v.27-30: "Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o diante de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno".

Em linguagem figurada neste texto, Jesus aconselha que seja tirada toda tentação do mal ('arranca', 'corta', 'lança fora'), não importa o quanto isso custe. E a tentação na maior parte das vezes começa com o olhar, que desperta a cobiça: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela" (v.28). Ele menciona os 'olhos' e o 'coração'.

Por isso, no AT, ao falar do Talit, do manto de oração, o Senhor menciona dois órgãos importantes do corpo humano, como geradores do pecado: o coração e os olhos [Nm 15: 37-41: "Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que nos cantos das suas vestes façam borlas (franjas) pelas suas gerações; e as borlas em cada canto, presas por um cordão azul. E as borlas estarão ali para que, vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso **coração**, nem os dos vossos **olhos**, após os quais andais adulterando, para que vos lembreis de todos os meus mandamentos, e os cumprais, e santos sereis a vosso Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos ser por Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus"].

O olho, no conceito judaico da Antiguidade, era uma 'porta' por onde as coisas materiais vinham para a vida da pessoa, pois o que ela desejasse com os olhos ela teria. O olho gerava o desejo, e o coração arquitetava o plano para torná-lo uma realidade. O coração é a sede da sabedoria, o centro da decisão moral e intelectual. Por isso Jesus disse: "qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela".

Por que o olho direito e não o esquerdo? Por que a mão direita e não a esquerda? Porque o lado direito, segundo a visão da psicologia, corresponde ao lado racional, assertivo, ativo, masculino, com impulso para agir. O lado esquerdo é o lado emocional, receptivo, passivo, moderado, feminino. Assim, era necessário um esforço para dominar a força da tentação, que muitas vezes é forte, dominante, impulsiva e insistente.

Sob a ótica bíblica, o lado direito é símbolo de bênção, força, privilégio, honra, poder, autoridade, o lado de Deus, enquanto a lado esquerdo é o lado humano, finito.

A advertência sobre o inferno (v. 22 e 29) nos mostra que aqueles cujo estilo de vida é marcado pela imoralidade não são herdeiros do Reino (1 Co 6: 9-10). Cortar ou arrancar a parte ofensiva é uma forma de dizer que os discípulos de Jesus devem lidar radicalmente com o pecado visando a um bem maior, que é a vida eterna (Mt 18: 8-9; Mc 9: 43-47).

v.31-32 – “Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério”.

“Também foi dito” é um resumo de Dt 24: 1-4. A partir do certificado de divórcio não havia como voltar atrás; por isso, seria correto pensar antes de entregar a certidão. Mas o ensino dos rabinos era que a pessoa podia se divorciar, desde que desse uma certidão de divórcio. O ditado era: ‘Você pode se divorciar, desde que dê uma certidão de divórcio’. A lei dizia que essa certidão ou carta de divórcio deveria ser dada se o homem, ao casar com uma mulher, encontrasse ‘coisa indecente nela’ (ARA), onde ‘coisa indecente’ ou ‘impureza’ (KJV), era escrito em hebraico como ‘ervah’ (Strong #6172), que significa: nudez, vergonha, impuro, impureza e, resumidamente, se referia à falta de virgindade [fornicação durante o período de noivado, por exemplo], pois se esperava que a noiva fosse virgem.

A palavra ‘repudiar’ neste texto é apoluó (ἀπολύω – Strong #630), que significa: liberar, soltar, mandar embora, livrar-se, deixar partir, deixar ir, dispensar, pôr em liberdade.

A palavra ‘divórcio’, em grego é: apostasion, ἀποστάσιον, Strong #647, que significa: repúdio, divórcio, carta de divórcio.

Mas Jesus disse: “Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério”.

“Relações sexuais ilícitas” – na KJV é fornicação; na NVI, imoralidade sexual; na NIV é traduzida como infidelidade conjugal. O grego escreve πορνεία, porneia, Strong #4202, um termo genérico para práticas sexuais ilícitas, que pode ser fornicação, prostituição, adultério etc.

Assim, se um homem repudiasse sua mulher por infidelidade conjugal, ele deveria lhe dar uma carta de divórcio. Isso significava, segundo a lei, que não haveria como voltar atrás. Mas se ele a repudiasse por outra causa, ele a expunha a tornar-se adúltera; e aquele que casasse com a repudiada estaria cometendo adultério, pois na verdade não haveria uma boa razão para a separação e eles continuariam casados aos olhos de Deus. O relacionamento com outra pessoa seria considerado adultério (moichaó, μοιχάομαι, Strong #3429).

• Há uma passagem semelhante em Mt 19: 7-9: “Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]”.

Nessa passagem, Jesus não estava se referindo ao divórcio permitido por causa de adultério do cônjuge (Dt 24: 1-4), e sim o divórcio por antipatia ou incompatibilidade. No primeiro século, o casamento fornecia à mulher o necessário sustento econômico. E se o marido a repudiasse injustamente, ele a estava obrigando a viver com outro homem porque ela precisaria do seu meio de subsistência. E como não era um divórcio aprovado por Deus, o que se casasse com tal mulher cometeria adultério, porque o primeiro relacionamento não estaria ainda acertado, nem diante de Deus nem diante dos homens. Por que razão Jesus teria defendido a mulher adúltera de ser apedrejada? Ele estaria contra a Lei de Moisés ou contra o legalismo humano?

Jesus completa o que foi dito aos antigos – Dos juramentos

• Mt 5: 33-37: "Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso (Lv 19: 12 – não jurar falso pelo nome de Deus), mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os seus juramentos. Eu, porém, vos digo: de modo nenhum jureis, nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno" (cf. Tg 5: 12).

Lv 19: 12 diz: "nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o Senhor". Um juramento falso é um juramento que não é mantido consciente ou inconscientemente.

O resumo de Lv 19: 12 é: "Não quebre a sua promessa". Mas confronte agora esse versículo com cf. Nm 30: 2; Dt 23: 21. Aqui, trata-se de um voto ou juramento feito ao Senhor, não em nome dEle como em Lv 19: 12.

Mas Jesus disse: "De modo nenhum jureis" (v.34), ou seja, não jurar por nada, nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; porque Deus fez todas as coisas e quem jura por elas, está indiretamente jurando por Ele. Em outras palavras, o céu (Mt 23: 22; Is 66: 1), a terra (Is 66: 1) ou Jerusalém (Sl 48: 2) são apenas nomes diferentes para o nome de Deus. E isso não deveria ser usado como garantia de uma promessa ou de uma palavra declarada a alguém. Tais juramentos demonstram que as palavras da pessoa não são confiáveis e, então, precisa jurar em nome de alguém, de alguma coisa ou do próprio Deus. Isso se refere aos juramentos que pessoas costumam fazer em conversas normais, não em juramentos oficiais num tribunal ou corte de justiça, por exemplo.

"Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno" (Mt 5: 37). Para os seguidores de Jesus basta dizer "sim" ou "não" e nada mais (Tg 5: 12), pois falam sempre a verdade (cf. Lv 19: 11: "Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo"). Esta passagem também proíbe qualquer engano ou sombra em torno da verdade ("O que disto passar", ou seja "o talvez"), pois a dúvida e o engano procedem do diabo.

Jesus completa o que foi dito aos antigos – Da vingança

• Mt 5: 38-42 (Lc 6: 27-30): "Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. **39** Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; **40** e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. **41** Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. **42** Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes" – cf. Lv 19: 18: "Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor" e Dt 32: 35: "A mim me pertence a vingança, a retribuição, a seu tempo, quando resvalar o seu pé; porque o dia da sua calamidade está próximo, e o seu destino se apressa em chegar".

Este trecho se refere à vingança e podemos ver que a medida de Deus é diferente da do homem:

• Mt 5: 38: "Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente". Esse item colocado na lei, acerca da violência, era conhecido como 'lex talionis', 'a lei de talião' ou 'da retaliação'. 'Talione' significa 'tal qual'.

• Êx 21: 23-25: "**23** Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, **24** olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, **25** queimadura por queimadura, ferimento

por ferimento, golpe por golpe".

• Lv 24: 19-21: "[19] Se alguém causar defeito em seu próximo, como ele fez, assim lhe será feito: [20] fratura por fratura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará. [21] Quem matar um animal restituirá outro; quem matar um homem será morto".

• Dt 19: 21 (no caso de testemunha falsa contra um irmão): "Não o olharás com piedade: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé".

A lei de talião não foi criada para encorajar a vingança. Seu objetivo era impedir que o castigo fosse pior do que o crime. Em outras palavras: punia o crime e limitava a punição, e a autoridade para fazer isso era atribuída ao governo (os juízes, os anciãos que julgavam as causas), não ao indivíduo que havia sido prejudicado.

"Eu, porém, vos digo" – Jesus mostra um caminho melhor, o caminho do amor, deixando a vingança e a justa retribuição nas mãos de Deus. E isso, também alargava o coração e a maneira de pensar daquele povo (e a nossa também), resolvendo simples e amigavelmente muitas situações, com atitudes compassivas e cordiais para com os necessitados; conseqüentemente, fechando as brechas para a destruição de Satanás. Enquanto a vingança era legalmente permitida, a não-resistência era possível através da graça de Deus. Assim, Jesus ensinava a verdadeira atitude de um servo (inclusive para com os que o maltratam) e apresentou esse ensinamento de várias formas: ataques físicos (Mt 5: 39), assuntos legais (Mt 5: 40), questões civis (Mt 5: 41) e pedidos de empréstimo (Mt 5: 42). Somente quando uma pessoa é controlada pelo Espírito Santo ela pode viver uma vida de abnegação, se sentindo compensada pelo amor de Deus em maior proporção do que o insulto (v. 39), a injustiça (v. 40), a inconveniência (v. 41) e a doação voluntária de bens materiais.

v.39: "Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra".

Ferir, aqui, não resume apenas a um golpe físico para causar ferimento, mas também a um insulto grosseiro. Um tapa no rosto era um grande insulto para um judeu, como ainda o é hoje para qualquer pessoa, especialmente um servo de Deus. E o mesmo ocorre com todo tipo de agressão física ou moral, através de insultos e afrontas, simplesmente por seguirmos a Jesus. O ensinamento aqui era o contrário da lei de talião. Mas para um discípulo chegar ao ponto de Jesus, de sofrer o que sofreu nas mãos dos romanos sem revidar (cf. 2 Co 11: 20), é necessária uma capacitação do Espírito Santo e um entendimento maior da recompensa divina com essa atitude. Acho pertinente aqui um comentário para que não haja confusão de interpretação. Jesus não estava ensinando sadomasoquismo ou submissão ao abuso, e sim uma atitude coerente e consciente por parte de um discípulo. Uma pessoa que tem a convicção da sua posição moral e do chamado de Deus para ela é menos passível de agir na carne, devolvendo a ofensa no mesmo nível físico, moral ou espiritual, mesmo porque ela sabe que tem um defensor, um advogado maior no céu. É como se ela recebesse um tapa, mas dissesse ao seu agressor: "Tudo bem. Se me bater ou me humilhar o faz feliz ou se você acha que isso resolve o problema, bata de novo, mas não abro mão da minha maneira de pensar nem vou negar minha fé nem meu posicionamento neste assunto". Então, não é uma atitude passiva de quem aceita e se conforma com a agressão com a desculpa de estar agradando a Deus, mas uma atitude passiva consciente de não resistência e não vingança pessoal por parte de uma pessoa que sabe qual é a vontade e a força do Espírito Santo dentro dela. Em resumo: este versículo fala sobre não revidar, não se vingar; deixar isso nas mãos de Deus.

v.40: "e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa".

Nenhum judeu do primeiro século iria para casa vestindo apenas uma tanga. A túnica era uma vestimenta interna; e a capa, uma vestimenta externa, também usada para se cobrir à noite. Sob a lei mosaica o manto exterior era um bem intransferível. Caso fosse tomado emprestado, deveria ser devolvido antes do pôr do sol (Ex 22: 26; Dt 24: 13). Jesus não estava revogando esta lei nem justificando o culpado de fazer uma coisa dessa, mas era um ensinamento simbólico sobre pleitos e disputas legais. E mesmo que Seus discípulos tivessem que entrar numa demanda legal por sua vestimenta interna, seria melhor dar também a externa, ao invés de ficar preso a uma situação indesejável e desgastante por algo que aos olhos de Deus não tinha tanto valor e poderia ser restituído por Ele facilmente, sem que os Seus tivessem que depender dos recursos carnais e mundanos para resolver disputas. Mais uma vez, devemos ressaltar que não somos obrigados a desistir de causas legais que são nossas por direito, mas 'pesar na balança' os riscos e benefícios de uma ação dessas, para não perdermos nosso precioso tempo e ficarmos presos nas tramas do inimigo por coisas da terra, ao invés de usá-lo para as coisas de Deus. Resumindo: este versículo fala sobre não pleitear, não disputar.

v.41: "Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas".

Aqui o Senhor aborda as questões civis, não mais assuntos legais. Os romanos podiam comandar civis para carregar sua bagagem (suas mochilas) pela distância de até uma milha romana, aproximadamente 1.479 metros (a milha americana corresponde a 1609 metros). E isso provocava indignação por parte dos judeus, com uma atitude rancorosa e até vingativa. Era uma atitude de 'servidão forçada', porém Jesus falava aos Seus discípulos para andar além de uma milha; duas milhas se necessário, pois para os filhos do Reino a disposição ao serviço de quem quer que seja deveria ser encarada não como uma atitude de humilhação e sim de exaltação. O próprio Jesus disse que no Seu reino, o maior é como quem serve, e que Ele não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. Isso não significava se submeter a abuso, como no primeiro exemplo que foi dado, mas um serviço voluntário, como que feito para o Senhor (Cl 3: 23-25), pois Ele mesmo impõe os limites. Em resumo: não ser mesquinho, aprender a servir.

v.42: "Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes".

Isso se refere aos pedidos de empréstimo sem juros. A lei falava sobre emprestar dinheiro sem juros aos irmãos e cobrar juros dos estrangeiros (Ex 22: 25; Lv 25: 35-38; Dt 23: 19-20):

• Ex 22: 25: "Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como credor que impõe juros".

• Lv 25: 35-38: "Se teu irmão empobrecer, e as suas forças decaírem, então, sustentá-lo-ás. Como estrangeiro e peregrino ele viverá contigo. Não receberás dele juros nem ganho; teme, porém, ao teu Deus, para que teu irmão viva contigo. Não lhe darás teu dinheiro com juros, nem lhe darás o teu mantimento por causa de lucro. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos dar a terra de Canaã e para ser o vosso Deus".

• Dt 23: 19-20: "A teu irmão não emprestarás com juros, seja dinheiro, seja comida ou qualquer coisa que é costume se emprestar com juros. Ao estrangeiro emprestarás com juros, porém a teu irmão não emprestarás com juros, para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em todos os teus empreendimentos na terra a qual passas a possuir".

Mas Jesus foi mais além, lembrando-os não apenas empréstimos sem juros, mas um espírito generoso (cf. Sl 37: 26; Sl 112: 5; Dt 15: 7-11: emprestar ao irmão pobre, sem ter o coração mesquinho de esperar pelo ano da remissão). Nesse exemplo de Jesus, a pessoa

pediu com sinceridade, não com engano ou malícia, e não pode devolver o que levou; então, deve-se dar uma liberação, não cobrar juros; nem mesmo esperar de volta o que emprestou, pois a pessoa não tem como pagar. Em resumo: não se omitir diante de um pedido genuíno de socorro de um irmão em Cristo, de alguém próximo, até mesmo de alguém que não se conhece tão profundamente, mas que, num grande momento de aflição e necessidade, vem pedir uma ajuda financeira.

Mais uma vez aqui entra a participação ativa do Espírito Santo de Deus, tanto no ato de doação livre por parte do filho de Deus e na sua sensibilidade para perceber uma real necessidade, ao invés de ser enganado ou roubado.

Entretanto, ainda que sendo o servo de Deus enganado sem saber, o controle de tudo permanecerá nas mãos dEle e Sua justiça será imparcial, mesmo porque o título deste trecho fala dos ensinamentos de Jesus sobre a vingança. E o Senhor não está obrigando Seus discípulos a dar infinitas quantias de dinheiro a quem quer que seja, simplesmente porque os que abusam gostam de ganhar sem trabalhar ou usam a astúcia da chantagem emocional.

Jesus completa o que foi dito aos antigos – Do amor ao próximo

• Mt 5: 43-48: "Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele fez nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

"Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo" (Mt 5: 43) – na verdade, a segunda parte do versículo não estava escrita na lei. Em Lv 19: 18 está escrito: "Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor".

"Odiarás o teu inimigo" parece ter sido a forma popular de citar o mandamento ou um ensinamento rabínico da época. A visão do AT em relação aos que perseguiam o povo de Deus gerava uma atitude de hostilidade. Davi mesmo havia escrito: "Não aborreço eu, Senhor, os que te aborrecem? E não abomino os que contra ti se levantam? Aborreço-os com ódio consumado; para mim são inimigos de fato" (Sl 139: 21-22). Mesmo porque as orientações de Deus contra todos os inimigos de Israel no AT, desde Abraão (a profecia de Deus contra as nações cananitas – Gn 15: 18), desde a saída do Egito e a entrada na terra de Canaã eram para destruir completamente os povos pagãos para não contaminarem Seu povo com a idolatria (Êx 34: 11-17; Lv 19: 31; Lv 26: 6-7; Nm 33: 51-52). Amaleque foi um exemplo disso (Dt 25: 19; 1 Sm 15: 2-3).

Como em Lv 19: 18 está escrito: "Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo", a conclusão natural para muitos judeus era que poderiam odiar seu inimigo.

v.44 – "Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" – Jesus, então, removeu totalmente esse pensamento, dizendo a eles para amar também os inimigos e orarem pelos que os perseguiam. Fazer isso era um simples reflexo do caráter de seu Pai celestial (v.45; 48): "para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele fez nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos... Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

Deus não mostrava bondade apenas ao Seu povo escolhido; mostrava também para

com outros povos, como o faz ainda hoje para aqueles que ainda não são Seus. Ele estende a graça comum a todos, o que significa que há certas bênçãos que Ele dá a todas as pessoas, como as bênçãos naturais da natureza (o sol, o ar, a água, o alimento).

Os discípulos de Jesus deveriam ser diferentes dos ímpios sob esse aspecto, ou seja, não deveriam amar apenas os irmãos na fé ou as pessoas próximas que eles gostavam naturalmente, mas também os gentios, que os judeus repudiavam como, por exemplo, os romanos que os dominavam e perseguiam. No poder do Espírito Santo isso seria possível, pois Ele os ajudaria a pensar de outra forma, buscando os melhores interesses dos gentios e ímpios, como um reflexo do caráter de Deus, buscando igualmente o seu bem-estar, a sua salvação e até sentindo outro tipo de sentimento por eles, que não o ódio ou a repulsa; talvez, um sentimento de compaixão por outro ser humano também passível de pecado e necessitando de luz e intervenção de Deus e de uma 'segunda chance'; ou então, uma compreensão de que mesmo se tratando de alguém perverso, Deus não criou um ser humano para o sofrimento ou para perecer de maneira tão atroz nas mãos do diabo. Em resumo, na força de Deus, desejar para um inimigo a mesma coisa que Deus deu para nós. O tipo de amor que Jesus fala aqui é algo diferente e maior do que a simples afeição natural da carne humana, porque não é natural amar alguém que uma pessoa odeia e lhe faz mal. É o tipo de amor demonstrado por Jesus na cruz por toda a humanidade, o amor de Deus, o ágape, o amor divino de doação e entrega, sem favoritismo, sem acepção de pessoas, sem levar em conta as afinidades humanas naturais. Amar apenas os que nos amam não requer o poder divino, pois até os publicanos e gentios faziam o mesmo para os que eram semelhantes a eles, por isso, qual era a recompensa deles diante de Deus?

A salvação só pode vir através da graça de Deus, não por boas obras, porém, como efeito dessa salvação pela graça é que os salvos conseguem realizar boas obras, tal como amar pessoas fora do seu relacionamento próximo.

Ao praticar as palavras de Jesus até aqui (Mt 5: 17-47), eles seriam perfeitos como perfeito é o nosso Pai celeste. Interessante que no AT Deus sempre os chamou à santidade, à separação da idolatria dos povos pagãos, e isso Ele chamava 'perfeição' (Lv 11: 45; Lv 20: 26; Dt 18: 13). Neste contexto, o Senhor chama 'perfeição' à maturidade do amor de que Jesus estava falando, à maturidade espiritual que capacita um cristão a imitar a Deus ao dispensar bênçãos a todos sem parcialidade.

MATEUS 6

A prática da justiça

• Mt 6: 1: "Guardai-vos de exercer a vossa justiça (NVI: suas obras de justiça) diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste".

Até aqui Jesus falou a Seus discípulos o que Deus Pai esperava deles, ou seja, como eles deveriam agir para agradar a Deus, praticando a Sua justiça. A partir de Mt 6: 1, o Senhor começa a adverti-los sobre o perigo da hipocrisia.

"A vossa justiça" (NVI: "suas obras de justiça") se referia às tradições e à doutrina de Saduceus, Fariseus e escribas (ou 'mestres da lei') para cumprir a retidão da lei, mas com a ânsia de receber aplausos humanos. Por isso, o que ocorria era uma distorção dessa retidão. Como foi escrito em Mt 5: 20, eles se contentavam com cerimônias religiosas que lhes davam uma sensação de purificação, mas esses rituais eram apenas externos; não mudavam seus corações. Eles controlaram a lei e criaram tradições de homens sobre ela, mas perderam a santidade exigida pela lei, os princípios básicos dela: justiça, misericórdia e fé (Mt 23: 23 cf. Mt 9: 13; Os 6: 6; Mq 6: 8).

Na verdade, Jesus estava preocupado com os motivos por trás de uma vida justa. Esperar aplausos humanos não era a recompensa que deveria ser esperada do Pai celestial. As boas obras que os discípulos de Cristo deveriam praticar serviriam para glorificar o nome de Deus, simplesmente para agradá-lO, não para receber a glória dos homens.

Do versículo 2 ao 18, Jesus toca em três atos principais da piedade judaica: a esmola, a oração e o jejum. Mas eles não deveriam fazer nenhum desses atos para serem elogiados pelos seres humanos; e quem os fizesse só com esse objetivo receberia apenas o apoio e o aplauso humano como recompensa, nada mais além disso. Outro aviso dado por Jesus era a instrução de realizar o ato de piedade secretamente, sem demonstrações públicas, porque eles poderiam ter a certeza de que o Pai que vê em segredo os recompensaria abertamente.

Como se deve dar esmolas

• Mt 6: 2-4: "Quando, porém, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai; que vê em secreto, te recompensará".

"Quando, porém, deres esmola, não toques trombeta diante de ti" significa não atrair de maneira tão barulhenta a atenção para si enquanto eles davam ofertas nas sinagogas ou esmolas aos mendigos nas ruas, como se houvesse um arauto indo adiante deles para anunciar o que estavam fazendo.

"Eles têm sua recompensa" significa: a sua única recompensa é a reputação que ganham enquanto estão na terra. No céu não terão nenhuma.

"Ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita", ou seja, "Não deixe a sua mão esquerda saber o que a sua mão direita está fazendo" – e isso significa fazer um ato de caridade em segredo, sem ostentação e sem atrair a atenção de outras pessoas. Esse ato de caridade deveria ser para que o Pai visse e fosse glorificado por isso, não para que o doador ficasse conhecido pela sua bondade. A doação deve ser motivada pela obediência a Deus e pela compaixão dos outros.

O galardão celestial que nós receberemos de Cristo será bem diferente do aplauso dos homens (2 Co 5: 10; Ap 22: 12), pois se trata da vida eterna.

Como se deve orar

• Mt 6: 5-8: "E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orardes, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais".

O segundo ato da piedade judaica depois da doação de esmolas era a oração. E aqui, Jesus dá as mesmas orientações: orar para o Pai e não para ser elogiado pelos seres humanos, pois essa seria a única recompensa que eles teriam; e para orarem em secreto, sem demonstrações públicas, porque eles poderiam ter a certeza de que o Pai que vê em segredo os ouviria e responderia às suas orações.

Jesus disse que o Pai sabe das nossas necessidades antes mesmo que coloquemos nossos joelhos no chão para orar. Também nos fala que orar não precisa ser um ato

público e escandaloso, mas algo que necessita de reverência e concentração da nossa parte, pois não apenas o nosso espírito estará envolvido, assim como a nossa alma e o nosso corpo. Por isso, não adianta orar de qualquer jeito para terminar logo. A oração também não é um ato de guerra ou gritaria onde colocamos Satanás no foco, dando-lhe a glória, só falando dele. Nada disso é oração verdadeira.

Em primeiro lugar, Jesus nos diz que é para entrarmos em nosso quarto e orarmos em secreto porque o Pai que vê em secreto nos recompensará; isto quer dizer: privacidade e reverência. Em outras palavras: entrar no nosso 'quarto' (na nossa alma e no nosso espírito) e 'fechar a porta', sem interferência externa e sem distrações, na profundidade do nosso ser, onde está o altar, e ali, onde tudo é conhecido por Deus, expor e falar para Ele o que desejamos, pensamos ou sentimos, não apenas por nós como também por nossos irmãos por quem estamos intercedendo.

"E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles".

Jesus estava falando sobre não repetir mecanicamente a oração como as que os gentios faziam, pois na verdade eles oravam para os seus deuses, não para o verdadeiro Deus, e não tinham intimidade com Ele. Seus deuses eram temíveis, mas não os entendiam nas suas necessidades como o Pai celeste entende Seus filhos. 'Vãs repetições' é uma expressão que pode trocada por outra palavra: 'reza'.

De maneira bem prática, podemos explicar dessa maneira: rezar é repetir uma prece ou súplica, entretanto, sem colocar inteiramente o nosso ser no que estamos fazendo. Em outras palavras: sem que a nossa alma possa se expressar livremente diante de Deus como deseja. Quando apenas rezamos há uma formalidade na nossa comunicação, pois só falamos com os lábios, enquanto o coração fica sem manifestar as emoções distorcidas e doentes e que necessitam de cura. Ali está o nosso eu real. É ali que o Senhor precisa tocar para que nos sintamos inteiros novamente e possamos remover o que está nos trazendo conflito interior.

A oração vai mais além; ela nos conduz a uma meditação sobre a Palavra de Deus, colocando nossos pensamentos e sentimentos em confronto com ela e, assim, nos mostrando onde devemos mudar para conseguirmos o que estamos buscando. Através da abertura sincera do nosso coração diante dEle atingimos o Seu coração e começamos a conhecê-lO na Sua plenitude. A oração gera intimidade com o Senhor e faz com que Ele seja cada vez mais participante da nossa vida. A oração nos permite a expressão livre do nosso coração naquele momento. As palavras escritas diante de nós nada mais são do que guias para que a nossa boca possa traduzir nossos sentimentos e para que a nossa mente possa trazer à tona nossos pensamentos mais profundos. A oração abre as portas do nosso coração para o trono de Deus.

A oração dominical

• Mt 6: 9-15: "Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]. Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas".

A oração do Pai Nosso, assim como os Dez Mandamentos, pode ser dividida em duas partes, sendo que na primeira nós engrandecemos o nome do Senhor e, na segunda,

expomos a Ele os nossos pedidos terrenos.

O Senhor nos ensina a dizer: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu".

Isso quer dizer que devemos ter, antes de tudo, a consciência de que o nosso verdadeiro Pai está no céu, pois se trata do próprio Deus. E nosso Pai que está no céu é perfeito; Seu domínio é exercido pelo amor, colocando a misericórdia bem no centro do julgamento.

O que significa "santificado seja o teu nome?"

A palavra *'santo' (hagios, gr.)* significa: *sagrado, puro, sem culpa, consagrado, separado, digno de ser honrado, semelhante a Deus, ter a natureza mais íntima de Deus, ser separado e reservado para Deus e para o Seu serviço.*

Deus é Santo, e devemos pedir que Ele santifique o próprio nome, ou seja, que Ele se revele a nós, que nos mostre a Sua pureza e grandeza e o quanto Ele é digno de honra. Essa frase implica um profundo respeito e reverência pelo nome de Deus, evitando que ele seja usado de uma forma vã ou profana. E a oração pede que Ele mesmo se mostre a todos os homens e criaturas no céu e na terra para que Seu nome seja reconhecido e tratado com reverência e respeito, glorificado, louvado e adorado unicamente, como ser supremo que Ele é. Quem O busca com seriedade recebe a Sua revelação e conhece a Sua santidade. Dessa forma, quanto mais nos achegarmos a Ele em oração, mais conheceremos o Seu caráter, o que se manifesta através de uma experiência espiritual reveladora da palavra de Deus em nosso próprio espírito; podemos, então, perceber como somos imperfeitos e mudar radicalmente o nosso conceito de santidade. Para termos acesso ao Pai é necessário estarmos cobertos pelo sangue de Seu Filho. *Sermos cobertos pelo sangue de Jesus significa deixar o poder da cruz nos tocar por inteiro;* não apenas no nosso espírito, por um ato de fé, mas de maneira profunda na nossa carne limpando a nossa alma de todo o tipo de deformação e distorção que traz dor e ferida, seja por pecado ou por outras ações espirituais externas, o que implica em ser tocado nas emoções e nos pensamentos, até no corpo, quebrando as prisões do diabo sobre nossa vida. Por isso, é tão importante orarmos diante da cruz, pois ali podemos fazer uma troca com Ele, deixando realmente que Ele leve as nossas dores sobre si e nos liberte derramando o Seu sangue purificador sobre tudo aquilo que nos amarra. Portanto, o ato de orar exige reverência, pois estamos realizando algo que tem implicações espirituais. A oração verdadeira é aquela que se processa com a nossa alma livre, despida, sem armaduras e prostrada diante da cruz ou do trono de Deus. Ali Ele nos faz ver quem nós somos e nos revela quem Ele é. Podemos perceber, então, que a própria natureza deformada da nossa carne já é, por si só, uma contradição com a verdadeira santidade de Deus. Quando Ele nos diz: "Sede santos porque eu sou santo", Ele se refere a nos comportarmos como Ele se comporta, ou seja, transparência completa e sinceridade entre o que se prega e o que se vive. Que nós possamos mostrar a santidade de Deus aos outros através das nossas atitudes.

Um comentário aqui é sobre *perfeição.* Deus disse a Abraão: "Anda na minha presença e sê perfeito" (Gn 17: 1). Podemos pensar, portanto, que a *perfeição* para Deus é algo completamente diferente do que a nossa visão humana possa alcançar. É, na verdade, sermos completos nEle, sermos inteiros e verdadeiros porque Ele nos preenche e nos transforma espiritualmente à Sua imagem e semelhança. Não é a ausência de pecado, mas indica plenitude, maturidade, exercendo a lei do amor a Deus e aos homens.

A próxima frase é: "Que venha o teu reino" ou "Venha a nós o teu reino" (gr. Basilea), ou seja, o teu domínio, o teu poder, a tua realeza e a tua autoridade sobre nós. Isso significa estar disposto a desistir de tudo, a fim de ter Deus; significa orar tanto pelo momento presente, para que as pessoas se curvem em submissão a Ele, quanto clamar pela

consumação do reino na segunda vinda de Cristo. Esse reino está surgindo sob o ministério de Jesus, mas só será consumado no fim dos tempos, no dia em que Ele reinar soberanamente em justiça sobre tudo.

Em seguida, a oração diz: "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu"; em outras palavras, a Sua vontade deve ser feita na terra assim como é feita no céu. E no céu há paz, plenitude, perfeição, alegria, ausência de dores, sofrimentos e lágrimas. No céu, onde o governo de Deus é alegre e incondicionalmente aceito por todos, Sua vontade é espontânea e alegremente obedecida por todos e em todas as ocasiões. Portanto, a vontade de Deus para nós é boa, é a melhor e está ao nosso alcance. Ele exige de nós o máximo que podemos dar, mas nada além disso. Não devemos ter receio de pedir que se faça a Sua vontade em nossas vidas, pois Ele fará o melhor. Da mesma forma que ela é obedecida no céu, deve ser obedecida na terra.

A segunda parte da oração do Pai Nosso nos ensina a pedir pelas nossas necessidades materiais ("o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje"), além do que nos fala sobre o perdão como uma condição essencial, não apenas para o louvor verdadeiro a Deus, mas para o nosso suprimento na terra em todas as áreas ("e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]"). A palavra 'pão', neste caso, simboliza tudo quanto realmente necessitamos para nossa existência terrena, para que possamos santificar o Seu nome e praticar a Sua vontade na terra como ela é praticada no céu. Precisamos do sustento material, dia a dia, a fim de podermos, inclusive, servir a Deus de maneira plena, pois uma pessoa mal alimentada e doente não tem forças sequer para orar. Portanto, o Senhor nos ensina a Lhe pedir que nos ajude nessa área, entregando também a Ele todas as nossas aflições e confiando que Ele vai cuidar do nosso suprimento; não dependemos de homens, mas dEle.

Depois de pedir por isso, Jesus nos lembra que devemos pedir ao Pai que perdoe as nossas dívidas (ou pecados, transgressões; ofensas, em algumas traduções), porque quando desobedecemos aos Seus mandamentos, nós O ferimos e O ofendemos pelo nosso pecado, o que gera uma dívida no mundo espiritual, que é a brecha aberta por onde Satanás pode nos tocar. Portanto, ao pedirmos a Ele que nos perdoe as ofensas, Seu sangue nos cobre e as nossas dívidas são pagas, fechando nossas brechas. Em Mt 6: 12 ("o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"), o vocábulo dívidas, em grego, opheilemata ou opheiléma (ὀφείλημα, Strong #g3783), é o vocábulo que designa nossos pecados como aquelas coisas que nos tornam culpados e nos carregam de dívidas perante Deus e que jamais podemos saldar, senão o Seu Filho. Opheiléma significa: uma dívida, ofensa, pecado; algo devido, ou seja, (figurativamente) devido moralmente, uma falha. Como visto acima, dívida (ofensa, em algumas traduções) significa: pecado, transgressão, ofensa, insulto, afronta. E em Jo 20: 23 ('Pecados', em nossas versões bíblicas), a palavra grega é hamartias (ἁμαρτία, Strong #g266), que tem o significado principal de "errar o alvo"; daí: (a) a culpa, pecado, (b) uma falha, a falha (em um sentido ético), ato pecaminoso; e, portanto, "agir incorretamente" e "quebrar a lei de Deus". Em Mt 6: 14 ("Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará"), a palavra grega traduzida como ofensa é paraptomata ou paraptóma (paraptōmata, παραπτώματα ou paraptóma παράπτωμα Strong #g3900 = queda (cair longe), lapso, escorregão, passo em falso; portanto: queda, falha, ofensa, pecado, transgressão.

Uma coisa interessante é que Jesus faz uma ligação diretamente proporcional entre sermos perdoados por Deus e liberarmos o perdão também para aqueles que nos devem algo. "Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" ou "pois também nós

perdoamos [verbo no presente do indicativo] a todo o que nos deve" não significa que devemos pedir perdão à base do perdão com que tivemos perdoado a outrem, ou seja, na mesma quantidade ou qualidade que conseguimos perdoar alguém. Só podemos receber perdão pela graça. Mas, a fim de podermos orar a Deus pedindo perdão, com sinceridade e sem qualquer hipocrisia, devemos estar livres de qualquer sentimento de ódio e vingança. Somente quando Deus nos tiver dado a graça para verdadeiramente perdoar nossos devedores é que estaremos preparados para fazer uma oração verdadeira. O perdão aqui não está ligado ao sentimento, mas à nossa vontade de obedecer ao mandamento do Senhor e usar a força da nossa palavra para abrirmos os caminhos uns dos outros (já tendo nós mesmos sido perdoados por Ele); só assim Sua ação abençoadora será completa: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas". Em outras palavras, a disposição ao perdão dentro de nós nos aproxima do caráter de Deus, portanto, podemos sentir também o Seu perdão quando nos achegamos a Ele com os nossos problemas e pecados. Por outro lado, sem a vontade de perdoar o semelhante, o acesso ao Pai em oração é bloqueado. Se Deus nos perdoou por coisas muito maiores na cruz, por que não perdoarmos nossos irmãos por coisas mais simples? (Mt 18: 15; 21-22). Se liberarmos o perdão, vidas serão liberadas, mas se os retivermos, não só os outros deixarão de ter a chance de serem perdoados por Deus, como nós não teremos igualmente a liberação das nossas vidas, espiritualmente falando.

Há um comentário importante aqui. Em Jo 20: 23 Jesus disse aos Seus discípulos, após Sua ressurreição, quando apareceu a eles: "Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos".

Os discípulos sabiam que as palavras de Jesus não lhes davam poder para perdoar pecados (At 8: 22), pois somente Deus pode fazer isso (Mc 2: 7; Lc 5: 21). Nem os apóstolos ou a Igreja tem poder de perdoar qualquer pecado que seja ou negar perdão a qualquer indivíduo; em outras palavras: julgar se alguém vai ser salvo ou não pelos pecados que cometeu. O que Jesus estava falando era sobre a responsabilidade que Ele estava dando à Sua Igreja de anunciar o evangelho em todo o mundo, a fim de que todo aquele que nEle crer possa encontrar o perdão de Deus (cf. Mt 16: 19 – as chaves do reino dos céus – abrir a porta da evangelização), como João Batista veio preparar os corações para a salvação. Porém, nós podemos ver, tanto no AT como no NT, algumas passagens onde servos de Deus, debaixo de uma forte unção do Espírito Santo, proferiram palavras fortes de julgamento de Deus: Jeremias, por exemplo, profetizando a morte do falso profeta Hananias (Jr 28: 15-17); Ezequiel contra os chefes do povo (Ez 11: 1-13), e a morte de Pelatias, enquanto ele profetizava; Pedro, com Ananias e Safira (At 5: 1-11); Paulo, com Elimas, o mágico (At 13: 4-12).

Por fim, Jesus nos ensina a pedir a Deus que não nos deixe cair em tentação e nos livre de todo o mal que possa sobrevir à nossa vida, seja do mundo, das trevas ou da carne. Isso significa que aqueles que oram sinceramente pedindo perdão de pecados anseiam pela capacidade de não pecarem mais. O vocábulo grego peirasmos, traduzido como tentação significa: não nos permitir cair em situações onde ficaremos expostos à tentação do mal. A expressão "livra-nos do mal" ('rusai hEmas apo tou ponerou' ou 'rusai êmas apo tou ponêrou') significa: protege, escuda, guarda (rhyesthai), livra (rhuomai, ῥύομαι, Strong #4506; resgatar, livrar do perigo ou destruição) contra os assaltos do diabo (tou ponerou, ou seja, do maligno).

A frase colocada entre colchetes [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém] foi colocada mais tarde nos manuscritos, mas não foi dita por Jesus.

Como jejuar

• Mt 6: 16-18: "Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuardes, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu pai, em secreto; e teu pai, que vê em secreto, te recompensará".

O terceiro ato da piedade judaica depois da doação de esmolas e da oração era o jejum. Novamente, Jesus dá as mesmas orientações: jejuar para buscar o Pai e não para ser visto pelos seres humanos, pois essa seria a única recompensa que eles teriam. Ninguém precisava saber que eles estavam jejuando, pois o Pai que vê em segredo responderia a eles, honraria seu jejum, sua consagração a Ele.

"Desfiguram o rosto" (literalmente "cobrem o rosto") – o verbo 'desfigurar' em grego 'aphanizó' (ἀφανίζω – Strong #853), significa: desaparecer, fazer desaparecer, esconder, remover, desfigurar (provavelmente por deixar sem lavar por um longo período), destruir ou ser destruído, consumir (nublar, tornar obscuro).

Jesus dizia que a terceira forma de hipocrisia religiosa era criar deliberadamente uma aparência de jejum. Os hipócritas desfiguravam seus rostos quando jejuavam para parecerem abatidos e tristes. Esse seria um ato ridículo, uma tentativa frustrada de parecer santo. No dia a dia os judeus costumavam lavar o rosto e ungir os cabelos, pois assim eles mostravam uma boa aparência aos outros.

O jejum do Dia da Expiação era estabelecido pela lei mosaica (Lv 16: 1-34). Em Lv 16: 29-31 está escrito: "Isso vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez dias do mês, afligireis a vossa alma [NVI: vocês se humilharão; no original: vocês jejuarão] e nenhuma obra fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós. Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados, perante o Senhor. É sábado de descanso solene para vós outros, e afligireis a vossa alma; é estatuto perpétuo".

Havia também o jejum voluntário. Algumas pessoas devotas, como Ana, jejuavam com freqüência (Lc 2: 37). Os fariseus acrescentaram dois dias de jejum na semana (Lc 18: 12) para mostrar ao povo sua piedade e apareciam nas sinagogas vestidos de modo desleixado. Mas o verdadeiro propósito do jejum era a contrição e a comunhão com Deus (2 Sm 12: 16; 18; 22; 23; Dn 9: 3; Mt 11: 21), um meio de subjugar a carne e vencer a tentação (Is 58: 6) e isso era feito com pano de saco e cinzas (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8, Jó 16: 15), muito comum de se ver nos momentos de luto (Is 61: 3) pelos mortos (Gn 37: 34; 2 Sm 3: 31; Jl 1: 8) ou de lamentação por desastre nacional ou pessoal (Jó 16: 15; Is 3: 24 [ARA: cilício; NVI: 'vestes de lamento']; Is 7: 20; Is 15: 2-3; Is 20: 2 ["Vai, solta de teus lombos o pano grosseiro de profeta"; NVI: 'o pano de saco']; Is 22: 12-13; Jr 16: 6; Jl 1: 13; Jn 3: 5; Mq 1: 8; Mq 1: 16).

Em Mt 9: 14-15 (cf. Lc 5: 33-35), Jesus usou a figura do casamento como exemplo do relacionamento de Deus com Israel (Is 54: 1-8; Jr 3: 1-13; Os 2: 16). Ao referir-se a si mesmo como o esposo, Ele estava afirmando que era o Messias. A frase "lhes será tirado" se refere à Sua morte violenta na cruz e ao Seu sepultamento (Jo 16: 19-22). Depois da Sua ascensão, Ele esteve fisicamente ausente de Seus discípulos (Jo 16: 23-24). Provavelmente, os discípulos de João Batista vieram a Jesus questioná-lo sobre o jejum, porque João já estava preso. Mas Ele lhes disse que, enquanto estivesse com eles, Seus discípulos (como convidados de um casamento, que tinha festa por sete dias) não precisariam jejuar, pois aquele não era momento de luto nem pranto, mas de alegria.

Os tesouros no céu

• Mt 6: 19-23: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que há em ti sejam trevas, que grandes trevas serão".

v.19 – "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam" – os tesouros da terra que podem ser roídos ou corroídos por traça e ferrugem podem se referir a roupas atacadas por traças ou porque deterioravam com o tempo ou por causa de ratos, bolor e outros agentes que as destruíam; ou, então, a metais que enferrujavam, como utensílios domésticos e outros objetos feitos de metal, e que possuíam algum valor e alguma utilidade para o seu possuidor. Metaforicamente falando, 'tesouros' significam coisas boas e preciosas; 'ferrugem' significa enfraquecimento, deterioração; 'traças', podem se referir a pessoas ou conhecimentos enganadores que corroíam aos poucos os valores de alguém. Tesouros que tinham valor monetário, como dinheiro ou jóias, poderiam ser roubados por ladrões. Nenhum desses tesouros têm valor para Deus, pois são coisas passíveis de corrupção e perda de algum tipo.

Mas Jesus os orientava a juntar tesouros realmente importantes para Deus, num lugar inacessível a qualquer agente ou elemento terreno, ou seja, no céu. Céu significa o lugar da morada de Deus, o lugar onde as coisas não são visíveis, acima da matéria: "mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam" (v. 20).

No v. 21 ("porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração"), Ele toca no ponto principal que faz uma pessoa guardar o seu tesouro num lugar ou no outro: o coração. As coisas mais preciosas, as que mais têm valor para alguém, ocupam o coração dessa pessoa, pois o coração é a sede da sabedoria, o centro da decisão moral e intelectual, o centro da personalidade (mente, emoções e vontade); assim, o tesouro mais querido de uma pessoa, acaba controlando todos os seus valores e toda a sua direção de vida.

A luz e as trevas (olhos bons e maus)

• Mt 6: 22-23: "São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que há em ti sejam trevas, que grandes trevas serão!"

No conceito judaico da Antiguidade, os olhos eram 'janelas' pelas quais a luz entrava no corpo, na mente; mais do que isso, os olhos eram 'portas' por onde as coisas materiais vinham para a vida da pessoa, pois o que ela desejasse com os olhos ela teria. O olho gerava o desejo, e o coração arquitetava o plano para torná-lo uma realidade.

Vamos ver as palavras gregas usadas aqui (Mt 6: 22-23). São um pouco diferentes umas das outras:

"São os olhos [Strong #3788, ophthalmos, ὀφθαλμός – o olho físico ou o da mente; visão; ação de ver; inveja (do olhar ciumento)]...

... a lâmpada [Strong #3088, luchnos, λύχνος (de leukos) – vela, luz; uma lâmpada portátil ou outro iluminador; candeeiro] do corpo...

... Se os teus olhos forem bons [Strong #573, haplous, ἁπλοῦς – singelo, simples, sadio, perfeito, claro, generoso],...

... todo o teu corpo será luminoso [Strong #5460, phóteinos, φωτεινός – brilhante,

luminoso, cheio de luz, figurativamente: transparente ou bem iluminado];...

... se, porém, os teus olhos forem maus [Strong #4190, ponéros, πονηρός – pecaminoso, ruim, mau, perverso, malicioso, preguiçoso; prejudicial, enfermo, doente, doentio, mórbido; (moralmente) culpável, vicioso, facínora; de mal comportamento, danoso, ganancioso, culposo],...

... todo o teu corpo estará em trevas [Strong #4652, skoteinos, σκοτεινός – cheio de escuridão, escuro; opaco, ou seja, figurativamente: ignorante, em um estado de lamentável ou desprezível ignorância intelectual ou moral, tipicamente devido à falta de oportunidade]...

... Portanto, caso a luz [Strong #5457, phós, φῶς – fogo, luz, uma fonte de luz, esplendor; derivado de uma raiz obsoleta: 'phao', que significa brilhar ou manifestar, especialmente por raios; luminosidade (tanto natural quanto artificial, de forma abstrata ou concreta, aplicação literal ou figurativa)]...

... que há em ti sejam trevas, que grandes trevas serão!" – aqui as duas palavras 'trevas', em grego, são as mesmas: Strong #4655, skotos, σκότος – escuridão, sombra, seja física ou moral, obscuridade (literal ou figurativamente).

Como uma janela de luz, através do olho o corpo encontra seu caminho. O olho bom [singelo, simples, sadio, generoso (o contexto se trata de tesouros, como dinheiro)] deixa entrar a luz, e assim todo o corpo é iluminado, ou seja, a mente acaba sendo clara de propósito, de entendimento, de revelação e do conhecimento verdadeiro de Deus.

Mas o olho mau [pecaminoso, perverso, malicioso, preguiçoso, doente, moralmente culpável, vicioso, danoso, ganancioso] não deixa entrar a luz, e o corpo estará em trevas (v. 23: falta de entendimento, de revelação, do conhecimento verdadeiro de Deus), pois vê as coisas de maneira distorcida e sempre com uma conotação ruim, pervertida.

Os dois senhores

• Mt 6: 24 (Lc 16: 13): "Ninguém [KJV: 'nenhum servo'] pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podereis servir a Deus e às riquezas *[outras traduções dizem: dinheiro; em grego: Mamom, o que foi entendido como o 'deus das riquezas']*".

Depois de Jesus falar sobre escolher entre dois os tesouros (na terra e no céu), Ele fala sobre escolher entre dois senhores: Deus ou o dinheiro (riquezas ou bens materiais). Na verdade, Jesus os apresenta como proprietários de escravos. Ser escravo é ser propriedade de uma pessoa, em tempo integral; e não é possível servir a dois proprietários de escravos ao mesmo tempo. Ou servimos a Deus de forma sincera ou não O servimos de forma alguma.

Estou falando isso porque 'ninguém' no versículo acima é traduzido na KJV por 'nenhum servo'. E no NT, a palavra 'servo' aparece como uma tradução das palavras hebraicas (no masculino, 'ebhedh ou `ebed; no feminino, 'amah; Shiphchah = servas – Gn 33: 2; sharath – Êx 33: 11, 'servo', 'moço'), significando 'um criado da casa', 'um servo doméstico', ou 'um rapaz', ou ainda, 'um oficial subordinado', mas, na maioria das vezes, o termo se refere a 'um escravo'.

'Ninguém' ou 'nenhum servo', 'oiketes' (Strong #g3610), significa: um servo doméstico, alguém que reside na casa.

'Servir', 'douleuo' (Strong #g1398), significa: ser escravo (literal ou figurativo; involuntário ou voluntário): estar em servidão, sujeição ou subserviência, servo, servir, prestar serviço.

Em Mt 8: 9 e Jo 15: 15, 'servo' é doulos' (Strong #g1401). Em Mt 8: 6, 'servo' ou 'criado' é 'pais' (Strong #g3816). Em Mt 26: 58 ('serventuários' [ARA] ou 'guardas' [NVI]) é 'huperetes' (Strong #g5257).

Jesus não disse que era pecado ser rico, nem disse que para segui-lO era necessário ser pobre. O que Ele quis dizer é que não devemos ser escravos do dinheiro. O dinheiro é que deve ser o nosso escravo.

Em hebraico, a palavra para dinheiro é keseph (= prata). Em grego, a palavra 'dinheiro' ou 'riqueza' é 'mammonas' (Strong #g3126, mamónas, μαμωνᾶς), que é uma palavra de origem caldéia (aramaica), que significa: confiança, ou seja, riquezas, dinheiro, posses; propriedade; avareza; Mamom (um deus; riqueza deificada). No NT, esta palavra grega aparece 4 vezes, onde na nossa bíblia (ARA) está escrita a palavra 'riquezas': Mt 6: 24; Lc 16: 9; Lc 16: 11; Lc 16: 13.

Riqueza ou dinheiro, entretanto, por ser algo que recebeu tanta honra e prioridade por parte dos homens, foi colocada no lugar de um deus, por isso, parece ter uma identidade, até competindo com o Deus verdadeiro pela posse de uma alma, ou seja, o dinheiro adquiriu vida. Por isso, Jesus disse que não poderíamos servir a Deus e às riquezas. Ele não colocou neste versículo nenhum outro deus que os homens costumam cultuar: prazer, poder, fama e conhecimento; não falou sobre enfermidades, nem sobre outras obras da carne além da avareza, tampouco sobre outras entidades espirituais. Podemos pensar, então, que o deus que mais compete com o verdadeiro Deus é o dinheiro. Com ele se 'compram' todos os outros deuses, menos Jesus. Além disso, uma balança normalmente tem dois pratos. O dinheiro pesa para o lado material, impedindo que o lado espiritual se manifeste numa pessoa. Ela fica cega às verdades de Jesus, correndo o risco de perder sua salvação (Lc 12: 13-21). Deus e Mamom se excluem mutuamente, são completamente opostos um ao outro.

Quem diz que serve a Deus, mas a sua vida mostra que vive para as coisas terrenas, nega seu relacionamento com Ele. Por isso, o dinheiro deve estar debaixo do domínio do Espírito em nossa vida, para que ele seja nosso escravo, não nosso senhor.

A ansiosa solicitude pela vida

• Mt 6: 25-34 (Lc 12: 32-34): "Por isso, vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves dos céus: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam; contudo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas essas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal [Lc 12: 32-34: Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino. Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros, bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração]".

v.25-26: “Por isso, vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida [NVI: ‘Não se preocupem com sua própria vida’], quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves dos céus: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis muito mais do que as aves?”

Depois de falar sobre viver em função de juntar bens materiais, Jesus agora trata de uma tendência igualmente perigosa: a preocupação ou ansiedade.

“Não andeis ansiosos pela vossa vida” – ‘não ficar ansioso’ ou ‘não se preocupar’, o verbo em grego é merimnaó (μεριμνάω – Strong #3309), que significa: ter cuidado, pensar, ficar ansioso (sobre alguma coisa), ficar ansioso demais, distrair-se; tomar conta de, se preocupar por.

A ansiedade é uma preocupação exagerada e prejudicial com nossas necessidades imediatas, em especial com algo que ainda não aconteceu ou com a possibilidade de algo inesperado acontecer; é viver antes do tempo. É diferente de ter cuidado, precaução e fé. Portanto, até mesmo os pobres não precisam preocupar-se com o que vão comer, beber ou vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Isso significa que o equilíbrio mental e interior deve vir do espírito do homem e não da provisão material. Colocar o coração nos bens materiais e preocupar-se com a falta deles é viver sempre inseguro e privar a si mesmo de receber as bênçãos espirituais de Deus.

v.26: “Observai as aves dos céus: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis muito mais do que as aves?”

A criação natural de Deus ensina a viver sem a preocupação e dá testemunho da Sua providência. Embora os pássaros trabalhem pelo seu sustento também, eles não se preocupam como os homens, pois sabem de forma instintiva que a natureza está ali para provê-los. E então, Jesus faz outra pergunta: “Porventura, não valeis muito mais do que as aves?” Deus é o Criador da natureza, mas Pai cuidadoso de Seus filhos. Se Ele cuida de animais e plantas, não cuidará de Seus filhos? Filhos de Deus valem muito mais do que pássaros. Essa é uma confiança que deve ser desenvolvida no ser humano, uma consciência no cuidado de Deus, muito mais do que a preocupação racional de como se suprir. É ter a certeza que de alguma forma Deus vai dar a direção e não vai nos abandonar num momento de necessidade. Ele é que tem que se preocupar em como fazer chegar a nós o suprimento, mesmo quando não enxergamos uma maneira possível.

v.27: “Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?” [Nota: ‘Ao curso de sua vida’ ou ‘à estatura’; da NVI: ‘Um único côvado à sua altura’]. Em Lc 12: 25 (NVI) está escrito: “Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?”

“Ao curso da sua vida?” ou “à sua estatura” provavelmente se refere ao tempo de duração da vida ou idade. Côvado, embora seja uma medida de distância, aqui alude a um período de tempo. E isso pode significar que a preocupação encurta a vida de uma pessoa; por isso, seria melhor deixar os assuntos citados anteriormente (o alimento, as necessidades materiais) nas mãos de Deus. Confiar nEle deveria ser o suficiente.

v.28-30: “E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam; contudo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo,

que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?"

Os lírios a que Jesus se refere são provavelmente anêmonas selvagens (Anemona coronaria), de cor vermelha e púrpura, abundantes nos campos da Galiléia, ou então, o Cyclamen repandum. Vermelho e púrpura são as cores das vestes de reis. Salomão, em toda a sua glória, vestido em suas roupas reais, não tinha a aparência esplêndida dessas florezinhas humildes, que não trabalham nem fiam, mas têm uma beleza natural que rivaliza com um rei em toda a sua glória. Mais do que beleza, elas têm pureza e dependem totalmente de Deus para estarem onde estão; e na Sua força elas suportam sol excessivo, ventos e chuvas, pois seu Criador as mantém intactas. Se Deus esbanja tanta beleza em flores que desabrocham hoje e são queimadas amanhã, Ele não se importará com as necessidades de Seus filhos?

"Homens de pequena fé" (cf. Mt 8: 26; Mt 16: 8) – são os que crêem em Jesus, mas vivem ansiosos pelas coisas materiais. Nós provamos que temos pouca fé quando nos preocupamos, nos afligimos e nos esforçamos em uma luta incessante para obter mais e mais bens materiais. Desperdiçamos nossas vidas fazendo o que Deus teria feito por nós, se tivéssemos dedicado mais nosso tempo e talentos a Ele.

Anemona coronária

Cyclamen repandum

v.31-34: “Portanto, não vos inquieteis dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas essas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” Lucas acrescenta (Lc 12: 32-34): “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino. Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros, bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

v.32: A palavra ‘gentios’ aqui se refere aos não judeus, aqueles que não conhecem a Deus. O povo judeu pensava de uma maneira muito diferente dos gentios, que costumavam se preocupar, perguntando constantemente: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Por isso, o Senhor falava aos Seus discípulos para viverem uma vida diferente das pessoas que não confiam no cuidado paternal de Deus e não têm outros objetivos além das coisas materiais. Quando temos fé em Deus, vivemos um dia de cada vez com a inocência dos seres da natureza, pois sabemos que o dia de amanhã, Ele proverá. O Pai sabe que necessitamos das coisas materiais.

v.33: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.

O Reino dos céus ou o Reino de Deus (Mt 3: 2; Mt 4: 17) são os termos usados no NT para se referir à implantação do Reino celestial de Deus na terra por intermédio de Jesus Cristo. Esse Reino estava muito próximo porque foi oferecido a Israel na pessoa do Messias.

Buscar Seu reino e a Sua justiça significa desejar que a justiça de Deus reine nessa terra.

Neste contexto de Mt 6: 33, buscar Seu reino e a Sua justiça é buscar a retidão da vida em total submissão à vontade de Deus, ao invés da justiça humana como os fariseus buscavam através das suas obras (Mt 6: 1).

Assim, os discípulos de Jesus teriam a certeza de que todas as coisas que eles necessitassem lhes seriam dadas por seu Pai celestial.

v.34: “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal”.

O Senhor nos adverte a não nos preocuparmos com o dia de amanhã porque cada dia está debaixo do Seu controle e traz algo para ocupar nossa atenção. A cada dia Ele derrama Sua graça sobre nós para que possamos administrar os problemas e as tarefas a serem cumpridas. Cada dia é um novo dia, e o amanhã, portanto, é diferente do hoje. Se o amanhã trouxer novos problemas, haverá uma nova graça para enfrentá-los.

“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3: 22-23).

MATEUS 7

O juízo temerário é probido

• Mt 7: 1-5: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que

julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro [NVI: cisco] no olho de teu irmão, porém não reparas na trave [NVI: viga] que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho do teu irmão".

v.1-2: "Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também".

Compare com:

• Lc 6: 37-38: "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também".

• Mc 4: 24-25: "Então, lhes disse: Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará. Pois ao que tem *[tesouros no céu, uma vida com Deus – anotação minha]* se lhe dará; e, ao que não tem *[não tem tesouros no céu, não tem uma vida com Deus – anotação minha]*, até o que tem lhe será tirado".

A palavra acima (Mt 7: 1: "Não julgueis, para que não sejais julgados") está ligada à de Lc 6: 37-38 e Mc 4: 24-25, e ela nos ensina também sobre a semeadura verdadeira na área material, emocional e espiritual: quem tem autoridade para julgar é Deus; não adianta condenar alguém que Deus julgou como inocente, portanto, na área espiritual, ao invés de julgar, a semente é orar. Na área emocional, as sementes que lançamos são o apoio emocional, a palavra de incentivo e o perdão. Reter o perdão mata nossa semente. Na área financeira (material), o Senhor nos aconselha a dar o melhor que temos, porque quem vai fazer os cálculos é Ele mesmo e os Seus pesos serão justos. Ele completa em Mc 4: 24-25 dizendo que, conforme a nossa maneira de nos comportarmos, tanto em oração como no tratamento com nossos semelhantes, teremos crédito ou débito no céu.

O ponto principal de Mt 7: 1-2 é que o cristão não deve ter um espírito acusador, que o leva a julgar e a condenar as pessoas, ou seja, um falso julgamento de quem anda na carne, pois ele mesmo será julgado por Deus (Rm 14: 10-13). Todo julgamento feito por alguém se torna a base de seu próprio julgamento (cf. Tg 3: 1-2).

A justiça está ligada ao juízo ou julgamento que, a princípio, é prerrogativa de Deus (Is 33: 22: "Porque o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei; ele nos salvará"), por isso Ele nos orienta no que diz respeito a não julgarmos nossos irmãos na fé sem sabermos realmente o que se passa dentro do seu coração ou da sua vida: Mt 7: 1-5; Lc 6: 37-38; Rm 2: 1; Rm 14: 4; 1 Co 4: 3-5; Tg 4: 11.

Ele não nos deu a licença de julgar as pessoas pelo que imaginamos delas. Um exemplo disso é a mulher adúltera que ia ser apedrejada (Jo 8: 1-11) e Jesus disse: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra" (v.7). O que Jesus queria dizer é que ninguém tem direito de julgar alguém pelas razões que estão por trás das suas atitudes e que são encobertas aos olhos dos homens; por isso, eles não tinham direito de julgá-la, apedrejando-a, sem primeiro ouvir suas razões. Eles estavam exercendo a Lei de maneira dura e cega, acusando a adúltera, mas sem examinar a situação toda, pois estavam julgando segundo a carne, não pelo Espírito. Por isso o Senhor nos orienta a deixar o julgamento para Ele, pois só Ele conhece toda a verdade.

Apesar de tudo o que lemos acima, entretanto, a Palavra nos mostra vários exemplos onde Jesus nos ensina como julgar: não pela carne, mas pelo Espírito, ou seja, não

segundo a aparência, mas pela reta justiça (Jo 7: 24: "Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça"; Lc 12: 57: "E por que não julgais também vós mesmos o que é justo?"). Também diz para julgarmos todas as coisas e retermos apenas o que é bom (1 Ts 5: 21: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom").

Isso nos faz pensar que julgar significa: discriminar, isto é, separar o certo do errado. Dessa forma, entendemos que Ele nos deu a capacidade de julgar o mal, as situações que nos cercam, as falsas doutrinas, as falsas profecias e os falsos ensinos, o que devemos escolher para nossa vida etc., como diz Paulo em 1 Co 14: 20: "Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, homens amadurecidos".

Deus usou servos como Paulo e Pedro para exercer juízo e julgamento severo sobre algumas pessoas como, por exemplo, Ananias e Safira (At 5: 1-11) e Elimas, o mágico (At 13: 4-12). Todavia, eles não estavam na carne, mas movidos pelo Espírito de Deus.

Portanto, um profeta verdadeiro de Deus, movido pelo Seu Espírito, mesmo sem querer, como acontecia muitas vezes com Jeremias, pode proferir palavras duras de repreensão divina, julgando os erros de irmãos na fé ou não e que violam a lei de Deus e causam danos a muitas pessoas. Mas apenas o Senhor detém a autoridade de determinar a salvação de uma pessoa.

Outros textos onde poderemos ler sobre julgar são aqueles onde Jesus diz que o Pai Lhe conferiu autoridade para julgar e os que falam que Ele a ninguém julga (aparentemente contraditório), mas que veio para salvar: Jo 5: 22-30; Jo 8: 15-18; Jo 12: 31-32; Jo 12: 47-50.

Isso nos remete de volta à justiça de Deus, que está ligada à salvação e ao "último dia", quando ela estará completa. Na primeira vinda, Jesus veio para salvar (fazer a justiça); na segunda vinda, virá para julgar (exercer o juízo sobre os que rejeitaram a Sua justiça).

Deus não se omite de fazer cumprir a justiça humana (do ponto de vista judicial, por exemplo), já que Ele mesmo colocou as autoridades humanas na terra para serem respeitadas: Rm 13: 1-10.

v.3-5: "Por que vês tu o argueiro [NVI: cisco] no olho de teu irmão, porém não reparas na trave [NVI: viga] que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho do teu irmão".

O argueiro (cisco), que representa o pecado alheio, não é de nossa responsabilidade corrigir; e os nossos pecados são como uma trave nos impedindo de ver. O argueiro é uma partícula de palha ou feno ou uma lasca de madeira. A trave (viga) é um tronco ou tábua, usado como viga mestra em um telhado ou assoalho; e aqui representa um espírito reprovador.

A ilustração de Jesus foi intencionalmente exagerada para mostrar a posição ridícula daquele que se coloca como juiz dos outros. Essa pessoa é chamada de hipócrita, pois pretende agir como médico, quando ela mesma está enferma. Esta ordem, entretanto, não exime os crentes de fazer distinções morais ('julgar', como lemos acima no v. 1).

Jesus expôs nossa tendência de ver uma pequena falha em outra pessoa, enquanto ignoramos a mesma falha em nós mesmos. É hipócrita supor que podemos ajudar alguém com uma falta quando nós mesmos temos uma falta maior. Devemos remediar nossas próprias falhas antes de criticá-las nos outros:

• Rm 2: 1: "Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que seja; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas".

Não deis o que é santo aos cães

• Mt 7: 6: "Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem".

Entre os judeus daquele tempo os cachorros não eram animais de estimação; os porcos eram considerados impuros (Lv 11: 7; Dt 14: 8). Esta é uma maneira de falar sobre pessoas que não podem ou não querem valorizar as verdades espirituais, a preciosidade da palavra de Deus (Mt 13: 10-17 – a parábola do semeador) e se tornam até os inimigos declarados do evangelho, ao contrário daqueles que são simplesmente 'gentios', que ainda não tiveram chance de ouvi-la.

Pérolas: a pérola era a maior preciosidade para os orientais (Mt 13: 45-46 – a parábola da pérola). Dar pérolas a porcos como se fossem ervilhas (ou alfarrobas – Lc 15: 16) os irritaria, pois eles não podem comer pérolas.

O Senhor nos adverte quanto a dar as coisas sagradas aos que não dão o devido valor a elas, principalmente se respondem às nossas palavras com abuso e violência. A percepção para discernir essas pessoas vem do Espírito Santo. Assim, não podemos conversar ou discutir a palavra de Deus no mesmo nível com aqueles que não a compreendem ainda, que não conseguem entendê-la na sua essência, pois escarneceriam dela e a desprezariam. Nós devemos pregar para os pecadores, mas é inútil continuarmos pregando a verdade àqueles que a recusam. Insistir nisso só traz mais problemas, não só para nós como também para eles, ou seja, a condenação:

• Mt 10: 40: "Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou".

• Lc 10: 16: "Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou".

• Jo 3: 18: "Quem nele *[Jesus]* crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus".

• Jo 12: 48: "Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia".

Alguns, após receberem a palavra de Deus e a salvação, voluntariamente a abandonam, pois cedem à sedução do mundo, e seu estado volta a ser pior do que o primeiro:

• 2 Pe 2: 20-22: "Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio *[significa provérbio]* verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal".

Jesus incita a orar

• Mt 7: 7-12: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem? [Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem? – Lc 11: 13] Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque

esta é a Lei e os Profetas".

v.7-8: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á".

Devemos pedir a Ele o que necessitamos, mas também buscar e bater, o que nos faz pensar numa escala de fatores: primeiro um pedido, depois a busca mais profunda pelas respostas de Deus e, em seguida, bater no Seu trono pelas soluções que necessitamos, sendo a principal delas, o conhecimento da Sua vontade e o entendimento da Sua maneira de pensar. Isso quer dizer que não se trata apenas de pedir a Deus apenas as coisas simples que precisamos para a nossa vida; porém, pedir coisas maiores como a força do Espírito Santo em nós e Seus dons visando ao Seu serviço e para que nossas deficiências sejam supridas pela provisão divina. Os verbos em graduação crescente sugerem persistência, perseverança e oração freqüente por toda e qualquer necessidade, em especial aquilo que o Senhor mencionou até aqui no Sermão do Monte: retidão, sinceridade, humildade, pureza e amor esperados dos seguidores de Jesus; tais dons são deles se forem buscados por meio da oração.

v.9-11: "Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem?" [Lc 11: 13: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?"].

'Boas dádivas', em grego neste versículo, é escrito como 'doma', δόμα, Strong #1390, que significa: dom, presente, dádiva; proteção. Essa palavra aparece três vezes no NT:

• Mt 7: 11: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar **boas dádivas** aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem?"

• Lc 11: 13: "Ora, se vós que sois maus, sabeis dar **boas dádivas** aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?"

• Ef 4: 8: "Por isso diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu **dons** (doma) aos homens".

A proteção, aqui, vem diretamente do Pai, não do Espírito Santo.

'Coisas boas' (Mt 7: 11) – a palavra grega aqui é uma palavra bem genérica (agathos, ἀγαθός, Strong #18), significando: intrinsecamente bom (substantivo), bom por natureza, benefício, bom, coisas boas, bem, literalmente: ingênuo. Agathós descreve o que se origina de Deus e é capacitado por Ele em suas vidas, por meio da fé.

O que Jesus queria ensinar aqui é que nós podemos ter total confiança de que Deus ouvirá e responderá às nossas orações por causa do Seu caráter (Tt 1: 2: "o Deus que não pode mentir"):

• Jo 14: 13-14: "E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei."

• Mc 11: 24: "Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco".

• 1 Jo 5: 14-15: "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obteremos os pedidos que lhe temos feito".

Aqui, Jesus faz a comparação entre Deus e um pai terreno que, mesmo sendo imperfeito ("Que sois maus" é uma referência à natureza pecadora do homem), não deixa

de dar a um filho o que ele necessita nem o engana com outra coisa nem com nada que pudesse lhe causar dor.

Semelhante aos pães orientais, pequenos, redondos e achatados, assim era a pedra. O peixe a que Ele se refere provavelmente era a enguia, que lembra uma cobra, e que pode chegar a 3,5 metros de comprimento e gerar fortes correntes elétricas. Por isso, são denominadas também como 'peixes-elétricos'. As enguias são uns dos animais mais antigos do planeta e nadam em rios e mares.

Se os pais humanos atendem aos pedidos de seus filhos com o que é melhor para eles, quanto mais nosso Pai que está nos céus o fará!

Fazer aos outros o que quer que se faça a si é o cerne da Lei e dos ensinos dos profetas (Lv 19: 18: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" cf. Mt 22: 36-40; Rm 13: 8-10), ou seja, pensarmos no bem do próximo visando ao cumprimento da verdade e da justiça.

As duas estradas

• Mt 7: 13-14: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela".

"A porta estreita" se refere à porta do discipulado, que é estreita e o caminho é difícil (o caminho da fé, disciplina, perseverança, abnegação; também da perseguição e da oposição). Mas aqueles que seguem fielmente os Seus ensinamentos encontram a vida abundante, o caminho para o céu.

Por outro lado, a porta larga diz respeito à vida de auto-indulgência e prazer, muito característica da multidão, mas não aconselhável aos discípulos. O fim de tal vida é a destruição, a ruína eterna (Pv 16: 25). Mas Deus Pai também leva os homens a encontrarem a porta e o caminho (Jo 6: 37; 44; 65).

Jesus é a porta (Jo 10: 7b; 9) e o caminho (Jo 14: 6), por isso a frase se encaixa muito bem naquilo que Ele espera dos Seus seguidores.

Os cristãos primitivos eram conhecidos pelo apelido de 'os que eram do Caminho' (At 9: 2; At 19: 9; At 19: 23; At 22: 4; At 24: 14; 22).

Os falsos profetas

• Mt 7: 15-23: "Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade".

v.15-20: "Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis".

Jesus adverte Seus discípulos agora contra os falsos profetas, o que já foi falado no AT (Dt 13: 1-11; Dt 18: 20-22 – tanto como reconhecê-los quanto o que se deveria fazer com eles). E a maneira de distinguir um falso profeta de um profeta da verdade é pelos seus frutos, não apenas através de suas ações e do seu testemunho de vida, mas também da sua doutrina (Mt 16: 12; 1 Jo 4: 1-3), daquilo que sai da sua boca. Muitos falam mansa e gentilmente e seguem práticas religiosas (v.15: "se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores"), porém suas palavras mentirosas de sedução roubam a fé das pessoas.

Uma árvore ou planta produz frutos de acordo com seu caráter. Os espinheiros não podem dar uvas; os abrolhos (ou cardos; NVI: 'ervas daninhas') não dão figos. Uma árvore boa dá frutos bons, e uma árvore ruim dá frutos ruins. Este princípio é verdadeiro no mundo natural e no mundo espiritual.

A vida e o ensino daqueles que afirmam falar por Deus devem estar de acordo com a Sua palavra; caso contrário, o que resultar das palavras deles e das suas ações, por si só, provarão que eles não têm parte com Jesus (2 Jo 1: 9-11: "Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más").

No tempo do NT os falsos profetas eram judaizantes ou gnósticos, o que se deduz de 2 Co 11: 13; 22; 1 Jo 4: 1; 1 Tm 4: 1.

Os judaizantes eram cristãos de origem judaica e não judaica que procuravam obedecer aos rituais da Torá, mas não eram mais parte do judaísmo tradicional. O termo foi usado no Novo Testamento para referir aos cristãos judeus que requeriam que os cristãos gentios seguissem leis mosaicas, em especial a circuncisão e as leis dietéticas do AT. Assim, aceitaram Jesus como Messias, mas não queriam abandonar as práticas religiosas do judaísmo tradicional da Antiga Aliança.

E o Gnosticismo é uma doutrina filosófico-religiosa que surgiu no início da nossa era e se diversificou em muitas seitas, visando a conciliar todas as religiões e a explicar-lhes seu sentido mais profundo por meio da gnose (em grego: conhecimento). A gnose prega o conhecimento esotérico e perfeito da divindade e que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação.

O gnosticismo está relacionado à Cabala, ao neoplatonismo e às religiões orientais.

v.19-20: "Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis" – Isso quer dizer que o destino dos falsos profetas é serem lançados no fogo, ou seja, a condenação no Dia do Juízo.

v.21: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" – Muitos se diziam discípulos, mas não faziam de coração a vontade do Pai, pois nunca se converteram de verdade. Aqui, Jesus confirma Sua filiação divina.

v. 22-23: "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" – os falsos profetas podem até fazer milagres, mas a sua motivação e os seus frutos não são os mesmos de Jesus (Gl 5: 22-23) e no Dia do Juízo serão julgados. Jesus conhece os segredos do coração de todos, e sabe quem são aqueles que fazem o mal.

Nem todos os milagres são de origem divina (Dt 13: 1-5; 2 Ts 2: 8-12; Mt 24: 24). Um milagre significa simplesmente que um poder sobrenatural está em ação. Esse poder pode ser divino ou satânico, simplesmente para iludir pessoas. Neste caso, Satanás só planeja coisas piores para o futuro:

• 2 Ts 2: 9: "Ora, o aparecimento do *iníquo [ou homem da perdição, ou seja, se refere ao Anticristo]* é segundo a eficácia de Satanás, com todo **poder**, e sinais, e prodígios da mentira,...".

A palavra 'poder' aqui, em grego é dunamis (δύναμις, ou dunamei, δυναμει – Strong #g1411; poder para realizar milagres, obra poderosa, maravilhosa, poder físico, força, poderio, habilidade, eficácia, energia; no plural: ações poderosas, ações mostrando poder (físico), obras maravilhosas – por exemplo: Lc 24: 49, em relação ao Pentecostes, que os discípulos experimentariam). O diabo tem 'dunamis', ou seja, por ser um anjo criado por Deus, com poder (Sl 103: 20), ele pode fazer milagres, até de cura. Mas cura uma doença e traz outra. É o que se vê em lugares de idolatria onde pessoas buscam a cura para os seus problemas físicos e emocionais, ao invés de buscar no único e verdadeiro Deus. Elas recebem 'um milagre', ou seja, ficam livres daquela doença, mas logo depois o mal volta com outro nome e de maneira pior.

Em 2 Ts 2: 9, Paulo não estava falando do Anticristo? O equivalente hebraico dessa palavra grega (dunamis) é koach ou kowach (כח – Strong #3581), que significa: habilidade, ser firme; vigor, literalmente (força, no bom ou no mau sentido) ou figurativamente (capacidade, meios, produzir, gerar); capaz, força (com ação física), frutos, poderio (ou potência – grande e impressionante poder de uma nação, por exemplo), poder (faculdade, qualidade ou capacidade de fazer algo), poderoso, força (no sentido de algo mais físico), substância, riqueza, camaleão, lagarto (por sua robustez). Essa palavra, koach ou kowach, foi usada em Dn 11: 6: "Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte, para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a **força** (koach ou kowach) do seu braço, e ele não permanecerá, nem o seu braço, porque ela será entregue, e bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos".

Também pode ser vista no Sl 103: 20: "Bendizei ao SENHOR, todos os seus anjos, valorosos em **poder** (koach ou kowach), que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra".

Os dois fundamentos

• Mt 7: 24-27: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína".

Jesus não apenas mostrou os dois caminhos, como também mostrou aqui que há dois alicerces, duas maneiras de construir a própria vida. Não basta ouvir Seus ensinamentos; é necessário viver de acordo com eles (Tg 1: 22; Tg 2: 17).

Construir a casa sobre a rocha significa edificar nossa vida sobre os ensinamentos de Jesus, resistindo assim à ação devastadora do tempo e da eternidade: as provações, as tentações e o julgamento. Cristo é a rocha.

Construir a casa sobre a areia significa não praticar os ensinamentos de Jesus; pelo

contrário, construir sua vida sobre os alicerces e valores humanos e mundanos: dinheiro, cultura, títulos, fama, idade etc., os quais, como a areia, não resistem à ação demolidora do juízo final.

v. 24-25: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha".

'Chuva, enchentes e vento' são figuras das provações, das tentações que se enfrenta na vida e do julgamento final de Deus; das coisas que vem para destruir. Cada casa aqui parece segura quando o tempo está bom, mas quando vem alguma intempérie é que se prova a sua solidez.

Na Palestina, as chuvas torrenciais que caem nos leitos secos dos rios podem se transformar em enchentes. Assim, o sábio constrói uma casa para resistir a qualquer coisa, pois prevê o futuro e as circunstâncias. Chuvas podem significar uma adversidade que vem de tempos em tempos, destrói, mas quando pára dá uma chance de haver uma restauração.

"Transbordaram os rios" indica inundações, que simbolizam uma pressão mais contínua e crescente, como aconteceu de maneira mais prolongada com alguns personagens na bíblia: Davi, por exemplo, quando Saul o perseguiu por tantos anos. Ou, então, Noé, que viu a chuva ir aumentando, transformando-se numa inundação avassaladora, deslocando a arca do seu ponto de origem e deixá-la à deriva por muito tempo até cessar por completo.

O povo de Israel experimentou provas semelhantes, em especial desde o início do exílio na Babilônia até a vinda de Cristo, sendo submetido cada vez mais ao jugo de nações pagãs. Isaías (Is 43: 2b) escreve: "Quando, pelos rios (NVI: 'Quando você atravessar os rios'), eles não te submergirão". Os rios seriam uma nova prova para quem voltasse do exílio, pois eles precisariam reconstruir sua própria vida e tomar posse de sua pátria novamente. Os rios também poderiam simbolizar as provações que eles ainda teriam que passar nas mãos dos persas e dos gregos e de todas as situações do Período Intertestamentário para firmar sua fé no Senhor e adquirirem não apenas um senso de patriotismo, de unidade entre eles como uma nação, mas também uma prova para serem preparados para a doutrina do Messias. Ele traria ao mundo a maneira de pensar de Deus, não a dos homens.

"Sopraram os ventos" – ventos significam algo que passa rápido, mas arrasta e muitas vezes deixa uma grande destruição como, por exemplo, as doutrinas estranhas à Palavra de Deus ("vento de doutrina" – Ef 4: 14). Paulo falou com Timóteo sobre "espíritos enganadores e doutrinas de demônios" (1 Tm 4: 1) que fariam de tudo para entrar na vida dos homens para corroer e destruir sua fé. Isso aconteceu com freqüência no cristianismo até hoje, desde a época dos apóstolos. Paulo diz a Timóteo que a Palavra é confiável e que ele deve colocar sua esperança no Deus vivo e ter cuidado da doutrina verdadeira (1 Tm 4: 9-10; 16).

Vento também pode significar o que não tem controle, nem depende da vontade de alguém; ou, então, algo fútil, sem frutos nem compensações (Os 12: 1 – a aliança de Israel com a Assíria). Nesse mesmo versículo, o profeta faz menção ao vento oriental. O vento oriental vindo do deserto (Jó 1: 19; Jó 15: 2) é muito seco e faz enrugar, murchar as ervas. Muitas vezes, sopra com violência, o que é uma ótima metáfora para a Assíria. Alguns estudiosos judeus explicam que esse vento oriental se refere ao Simoom (em árabe, 'envenenar' ou 'vento venenoso'), um vento forte, de alta temperatura, seco e carregado de poeira, que se move em forma circular como um ciclone e produz um efeito sufocante sobre seres humanos e animais. Ele sopra no deserto do Saara, no leste da Palestina, na

Jordânia, na Síria e nos desertos da Península Arábica. É de curta duração (vinte minutos, mais ou menos), mas dura o suficiente para destruir.

Ventos também podem significar poderes destrutivos (Ap 7: 1-3).

v.26-27: "E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína".

Ao contrário do sábio, que constrói sua casa para resistir a qualquer coisa, pois prevê o futuro e as circunstâncias, o tolo constrói a casa sobre a areia, ou seja, não pratica os ensinamentos de Jesus e edifica sua vida sobre os alicerces e valores humanos e mundanos: dinheiro, cultura, títulos, fama, idade etc., os quais, como a areia, não resistem à ação demolidora do juízo final.

Todos esses elementos (chuva, inundações e ventos) vão contra a casa da vida de alguém com ímpeto, como disse Jesus, e isso significa violência. Ninguém escapa do teste.

v.28-29: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas".

As pessoas ficaram maravilhadas da doutrina de Jesus porque Seu ensino era algo revolucionário que revogava os ensinos da tradição rabínica e mostrava ao mesmo tempo a simplicidade de Deus e a responsabilidade que Ele deixava aos Seus discípulos. E elas reconheciam que Jesus era diferente dos escribas porque Ele falava com autoridade. Eles podiam ter a autoridade cívica e religiosa, porém, era uma autoridade humana apenas, não espiritual, como a que vinha do Mestre. Suas palavras tinham vida e eram capazes de mover os corações e o mundo espiritual.

A palavra 'autoridade' neste texto, em grego é 'exousia' (Strong #1849, ἐξουσία), que significa: autoridade, influência, poder (tanto terreno como espiritual ou sobrenatural), força, capacidade, competência, liberdade, maestria, influência delegada,

jurisdição, direito.

Na bíblia, a palavra ‘poder’ tem três significados em grego: exsousia (Strong #g1849; autoridade, jurisdição – Jo 1: 12); dunamis (δύναμις, ou dunamei, δυναμει – Strong #g1411; poder para realizar milagres, obra poderosa, maravilhosa – Lc 24: 49; 1 Co 2: 4-5) e isso nos é concedido pelo Espírito Santo; e uma terceira palavra, usada mais raramente (apenas 9 vezes no NT), que é kratos (κρατος – Strong #g2904), e que significa: grande vigor, glória, domínio, poder, força, posse geralmente sobre algo físico, material, como uma terra arrendada, herdade (Lc 1: 51; At 19: 20; Cl 1: 11; 1 Tm 6: 16; Hb 2: 14; 1 Pe 4: 11; 1 Pe 5: 11; Jd 1: 25; Ap 1: 6)].

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com